

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JOSÉ CLAUDEVAN VIEIRA DA SILVA

**A ALIENAÇÃO COMO (RE)PRODUÇÃO SOCIAL EM MARX: UMA REFLEXÃO
FILOSÓFICA A PARTIR DOS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE
1844 E D'O CAPITAL**

MACEIÓ

2024

JOSÉ CLAUDEVAN VIEIRA DA SILVA

**A ALIENAÇÃO COMO (RE)PRODUÇÃO SOCIAL EM MARX: UMA REFLEXÃO
FILOSÓFICA A PARTIR DOS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE
1844 E D'O CAPITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciatura em Filosofia.

Orientador Prof. Dr. Artur Bispo dos Santos Neto.

MACEIÓ

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586a Silva, José Claudevan Vieira da.

A alienação como (re)produção social em Marx : uma reflexão filosófica a partir dos manuscritos econômico- filosóficos e d'O capital / José Claudevan Vieira da Silva. – 2024.

66 f.

Orientador: Artur Bispo dos Santos Neto.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 64-66.

1. Alienação (Filosofia). 2. Trabalho. 3. Marx, Karl, 1818-1883. 4. (Re)produção social. 5. Capitalismo. I. Título.

CDU: 330.342.14

Folha de Aprovação

JOSÉ CLAUDEVAN VIEIRA DA SILVA

**A ALIENAÇÃO COMO (RE)PRODUÇÃO SOCIAL EM MARX: UMA REFLEXÃO
FILOSÓFICA A PARTIR DOS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE
1844 E D'O CAPITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 08 de agosto de 2024.

Banca examinadora:

**Orientador: Prof. Dr. Artur Bispo dos Santos Neto
(Universidade Federal de Alagoas)**

**Examinadora interna: Profa. Dra. Cristina Amaro Viana
(Universidade Federal de Alagoas)**

**Examinador interno: Prof. Dr. Francisco Pereira de Sousa
(Universidade Federal de Alagoas)**

Dedico à minha avó, Cicera Joana, a quem dedicou uma parcela da sua vida a me proteger, cuidar, amar e a sobreviver na universidade. Me ensinou sobre respeito e justiça. E a todos os trabalhadores/as que mesmo diante da alienação cotidiana resistem e lutam contra a exploração capitalista e constroem coletivamente a luta revolucionária socialista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador por ter aceitado a ideia dessa pesquisa, sua indicação da leitura de *O capital*, que por sinal, mudou drasticamente a qualidade dessa pesquisa e expandiu minha compreensão do conceito de alienação e da potente filosofia marxiana. Suas correções e apontamentos foram cruciais para a finalização deste trabalho.

Agradeço a “*mainha*” ou a Josefa das Graças Vieira da Silva por dentro de seus limites, ter sido uma boa mãe e por acreditar incansavelmente em mim e na minha capacidade de aprender e conquistar o mundo. Mesmo que nos últimos dez anos já não esteja mais viva corporalmente, sua vida e seus ensinamentos continuam vivos. Além disso, sou grato a minha avó, a quem deu parte significativa da sua vida à minha existência e felicidade, me ensinou sobre amor, respeito, justiça social e fé no mundo. Assim como outros familiares que estão ao meu lado, em especial, a Roseana Vieira, minha prima, que me ajudou com algumas condições materiais a sobreviver em outra cidade e na universidade.

Aos todos os meus amigos, vocês são uma parte de mim, aos de Maribondo, que assim como eu sonharam a universidade como possibilidade de vida. Aos da graduação por dividir os dias estressantes, tediosos e felizes que fazem parte da graduação. Ao meu amigo, Felipe José o qual dividiu comigo dois anos de Iniciação Científica, discutindo Paulo Freire, Walter Benjamin, Karl Marx etc. momentos de discussão potentes de uma filosofia crítica, popular e revolucionária. E ao meu grande amigo e camarada, Jonathan, que nesses dois últimos anos construiu comigo a luta socialista, discussões infinitas sobre Marx, socialismo e luta de classes.

E aos meus professores da filosofia da Ufal, principalmente, as professoras Cristina e Juliele. Cristina por ter me “alfabetizado” filosoficamente, minha orientadora de Pibic, da vida e de profissão, acreditou na minha capacidade crítica e filosófica e me ensinou sobre a diversidade filosófica, me apresentou textos e me ensinou um pouco sobre ser o professor da libertação. A querida Juliele, por ter durante toda a graduação debatendo incansavelmente sobre raça, racismo e luta dos oprimidos, por uma filosofia popular, da população negra, das mulheres e dos LGBTQ+ e de todos os oprimidos do mundo.

Ao meu namorado, Isaac, por ter me apresentado ao amor e me ensinar cada dia sobre ele. Ao meu partido, Unidade Popular por mesmo em tempos de crise revolucionária, não desistir da luta e da emancipação da classe trabalhadora e acima de tudo, mostrar que a luta é a única saída para nova forma de vida, que tenha sentido viver.

O PÃO DO POVO

A justiça é o pão do povo.
Às vezes bastante, às vezes pouca.
Às vezes de gosto bom, às vezes de gosto ruim.
Quando o pão é pouco, há fome.
Quando o pão é ruim, há descontentamento

Fora com justiça ruim!
Cozida sem amor, amassada sem saber!
A justiça sem sabor, cuja casca é cinzenta!
A justiça de ontem, que chega tarde demais!
Quando o pão é bom e bastante
O resto da refeição pode ser perdoado.
Não pode haver logo tudo em abundância.
Alimentado do pão da justiça
Pode ser feito o trabalho
De que resulta a abundância

Como é necessário o pão diário
É necessária a justiça diária.
Sim, mesmo várias vezes ao dia.

De manhã, à noite, no trabalho, no prazer.
No trabalho que é prazer.
Nos tempos duros e nos felizes.
O povo necessita do pão diário
Da justiça, bastante e saudável.
Sendo o pão da justiça tão importante
Quem, amigos, deve prepará-lo?

Quem prepara o pão?
Assim como o outro pão
Deve o pão da justiça
Ser preparado pelo povo.

Bastante, saudável, diário.

(Bertolt, Brecht. Poemas 19130- 1956. p. 322-323)

RESUMO

A pesquisa busca compreender a “alienação” como conceito filosófico apresentado por Karl Marx nos *Manuscritos-econômico-filosóficos de 1844* sua obra de juventude e relacionar com a maturidade de Marx, no primeiro volume d' *O capital* de 1867. O intuito é entender como essas duas obras com uma distância temporal significativa, nos abre a possibilidade de investigar a relação entre alienação e vida social alienada como constitutivos inerentes da reprodução social da sociedade burguesa. Nesse sentido, adentrar nos mecanismos da dinâmica social da exploração-alienação das relações sociais e de produção, que sob a ótica do capitalismo produz desumanização e estranhamento do ser social na produção material e concreta da vida. Nessa perspectiva, analisamos essas relações sociais do ponto ontológico do fundamento do ser social: O trabalho. Tendo em vista que em seu primeiro momento (*Nos manuscritos de 1844*) - a alienação - se funda no/pelo trabalho devido a destituição do ser social dos modos e meios de produção que garantem o desenvolvimento social e espiritual dos seres humanos. No entanto, na forma privada da socialização do trabalho, se cria uma relação do homem alheio o seu próprio trabalho, pois, o seu trabalho se concretiza como servidão e expropriação de si, por consequência, o estranhamento do homem além de com seu trabalho, se materializa com sua produção, consigo mesmo e com os outros seres humanos que assim como esse trabalhador são expropriados da configuração do comando social. Em *O capital*, Marx além de perceber as características gerais da exploração capitalista e dos seus processos de acumulação desenfreada desse sistema econômico e social - seja na acumulação primitiva, pelo mais-valor ou pela forma-mercadoria - o filósofo denota uma progressiva e brutal coisificação das relações sociais e desumanização do homem pelo caráter abstrato e monetário que ganha o trabalho humano. Ou seja, as relações humanas e inter-humanas são mediadas por abstrações e pelo fetichismo da mercadoria, que de modo geral, subordina os reais interesses humanos e sua práxis social por relações de produção, o mundo das coisas passam a ser mediadoras do mundo humano.

Palavras chaves: Alienação. Trabalho. Marx. (Re)produção Social. Capitalismo.

ABSTRACT

The research seeks to understand "alienation" as a philosophical concept presented by Karl Marx in the Economic-Philosophical Manuscripts of 1844, his work of youth, and to relate it to Marx's maturity, in the first volume of Capital of 1867. The aim is to understand how these two works, with a significant time gap, open up the possibility of investigating the relationship between alienation and alienated social life as inherent constituents of the social reproduction of bourgeois society. In this sense, we enter into the mechanisms of the social dynamics of the exploitation-alienation of social relations and production, which from the perspective of capitalism produces dehumanization and estrangement of the social being in the material and concrete production of life. From this perspective, we analyze these social relations from the ontological point of view of the foundation of social being: work. Bearing in mind that in its first moment (In the 1844 manuscripts) - alienation - it is founded in/by work due to the deprivation of social being of the modes and means of production that guarantee the social and spiritual development of human beings. However, in the private form of the socialization of work, a relationship is created whereby man is alienated from his own work, because his work is materialized as servitude and expropriation of himself. Consequently, the estrangement of man, in addition to his work, materializes with his production, with himself and with the other human beings who, like this worker, are expropriated from the configuration of the social command. In Capital, Marx not only perceives the general characteristics of capitalist exploitation and its processes of unbridled accumulation in this economic and social system - whether in primitive accumulation, through surplus value or through the commodity form - but also denotes the progressive and brutal objectification of social relations and the dehumanization of man through the abstract and monetary character that human work takes on. In other words, human and inter-human relations are mediated by abstractions and by the fetishism of the commodity, which generally subordinates real human interests and social praxis to relations of production, the world of things becoming the mediator of the human world.

Keywords: Alienation. Labor. Marx. Social re-production. Capitalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ONTOLOGIA DO SER SOCIAL	12
2.1 O conceito de trabalho em Marx.....	12
2.2 Trabalho produtivo e seu caráter abstrato	16
2.3 Trabalho Imaterial /Reprodutivo.....	19
2.4 A Nova Morfologia Do Trabalho	22
3. A ALIENAÇÃO DA VIDA SOCIAL EM MARX.....	27
3.1 Uma breve história filosófica da alienação	27
3.2 A Teoria da alienação em Marx.....	31
3.3 “Uma ilusão necessária” : O fetichismo da mercadoria.....	37
4 DESAFIOS, LUTAS E REVOLUÇÃO	44
4.1 O ser humano: uma mercadoria viva	44
4.2 A jornada de trabalho como questão econômica e política: da dominação burguesa à ofensiva dos trabalhadores	48
4.3 Caminhos para a superação da alienação: uma alternativa para a emancipação humana	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6 REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

A determinada pesquisa teve como objetivo investigar a Alienação como um problema filosófico e seus desdobramentos na (re)produção da vida social. Apesar desse conceito estar presente em diversas obras na literatura marxiana, demarcamos a analisar de modo mais profícuo em duas de suas obras clássicas: *Manuscritos-econômico-filosóficos de 1844* obra de juventude do filósofo, momento esse que o “jovem” Marx não possuía contato – ao menos não direto – com a economia política e a partir daquele momento histórico, avançou significativamente em seus primeiros passos como um crítico revolucionário da sociedade burguesa e seus entraves. Dando indícios a uma conceitualização crítica de muitos temas - como salário, dialética, propriedade privada, comunismo, individualidade etc. – que ficará mais sistemático em outras posteriores. Desse modo, a segunda obra é: *O capital* (1867) volume I, acerca do processo de produção do capital, em termos gerais, a contradição central da sociedade de classes no capitalismo: a relação trabalho e capital. É evidente que é a obra magna e mais completa do pensamento de Marx, uma importante contribuição filosófica e social para o entendimento da totalidade da luta de classes como motor central da sociedade capitalista.

Nesse sentido, em *O capital*, diversos conceitos e categorias - como a forma mercadoria, o trabalho abstrato, a forma dinheiro, o fetichismo da mercadoria, os processos de circulação etc. - trazem reflexões importantes para progredirmos na leitura sobre a alienação e que nos auxiliam nessa grande e longa jornada do entendimento dos fundamentos da dinâmica que configura a realidade social. Em consonância a esses aspectos, o foco deste trabalho é entender o conceito em si, e não uma análise histórica-filosófica do desenvolvimento do intelectual sobre o tema entre as duas obras, mas tratar de aspectos centrais que fazem parte da produção da vida social-existencial alienada que homens e mulheres enfrentam em seu processo vital que é o trabalho e, por consequência, afeta outras esferas da vida social e na vida cotidiana.

A partir dessas perspectivas, os nossos esforços foram concentrados em um primeiro momento desta pesquisa, no caráter ontológico do ser social, que é justamente o trabalho. Uma apresentação do que é inerente a qualquer sociedade que existiu e que possa vir. Visamos compreender assim, nos tópicos/subtópicos: o que é o conceito de trabalho em Marx, sua forma produtiva - e sua alienação massiva com o trabalho abstrato - o trabalho reprodutivo/ imaterial e as relações do mundo do trabalho hoje, no capitalismo contemporâneo e, em especial, no Brasil.

Em um segundo momento, visamos abordar a alienação enquanto um problema filosófico e social, que é resultado do trabalho alienado e reverbera em outras áreas da vida social e humana. A alienação teve origem no processo do trabalho, mas se expande na vida cotidiana. Dessa forma, adentramos em entender o processo filosófico das primeiras concepções de alienação, passando pela modernidade e traçando percepções da contemporaneidade, logo mais, discutir em si o problema da alienação para Marx nos *Manuscritos de 1844* e, por conseguinte, a reificação como um processo social ligado à alienação, como mecanismo social de alienação da realidade capitalista e de sua construção nas relações humanas-sociais e intersubjetivas.

E, por fim, pretendemos caminhar teoricamente nos fenômenos da práxis social que são desafios inerentes à mercantilização do ser humano, às lutas históricas da classe trabalhadora por condições de trabalho, vida e dignidade, como também, pensarmos alguns modos abordados por Marx para superar a alienação como forma de produção e reprodução social da vida humana e da urgência de uma nova sociabilidade, um novo modo de produzir a vida material, existencial e social.

2 ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

2.1 O conceito de trabalho em Marx

A história do homem e da humanidade é permeada por uma série de transformações no campo natural, social, político e cultural. Essas circunstâncias são concretizadas pela relação coexistencial do homem com a natureza, o processo produtivo da vida material e da reprodução societal de todas as sociedades possuem um fundamento ontológico comum: o trabalho. O trabalho é o que garante aos homens a sua existência física e espiritual e o fator determinante na organização social e de sua reprodução. O filósofo alemão Karl Marx afirma: “O trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural da mediação do metabolismo entre o homem e natureza e, portanto, da vida humana” (MARX, 2017. p.120). Marx compreende que não existe vida humana sem o trabalho, o trabalho é inerente à existência de qualquer sociedade, independente da sua organização social ou política, pois constitui necessidade natural do homem.

Além disso, o trabalho não se constitui apenas como necessidade natural, mas como também um processo social, o determinante na constituição do homem enquanto ser social e, por consequência, das relações sociais e de produção do homem com outros homens. Pois o processo de objetivação do homem ocorre dialeticamente com a transformação da natureza, porque:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza [...] agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2017. p.255).

O homem ao ter contato com a realidade material, idealiza o trabalho e o executa de acordo com o seu querer, a natureza está subordinada à vontade criadora (ou destruidora) do ser humano. E, com isso:

No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, ou seja, um resultado que já existia idealmente [...] ele realiza neste último, ao mesmo tempo, a finalidade pretendida, que, como ele bem sabe, determina o modo de sua atividade com a força de uma lei, à qual ele tem de subordinar a sua vontade (MARX, 2017. p.256).

O que caracteriza a distinção do homem em relação aos animais não humanos é a capacidade criadora e as particularidades na finalidade do processo, ou seja, os animais, ao construir teias e ninhos, não idealizam o trabalho, mas o fazem da mesma maneira, como meio de subsistência automática. Diferentemente, o ser humano passa da materialidade à idealização e da idealização à materialidade, em um processo dialético ao exercício do trabalho para a garantia de sua existência.

O trabalho é, antes de tudo o mecanismo social que tornou o homem um ser social, que nos humaniza¹. A autorrealização do ser em sua plenitude e o desfrutar da riqueza social produzida é uma das características que o trabalho pode adquirir. A construção do homem enquanto sujeito social perpassa pelo trabalho e pelas condições materiais da realização deste trabalho, assim como as determinações históricas e produtivas determinam as condições efetivas da dinâmica do trabalho. Na história da humanidade e das organizações sociais, o trabalho vai se configurando, as suas ferramentas, os locais, a quantidade de pessoas para realizar o trabalho, quem produz, quem se beneficia com a produção e como é a melhor maneira para produzir.

Tendo em vista o caráter mutável do trabalho, no que tange o âmbito social, ele foi ganhando diversas formas ao longo do tempo e do desenvolvimento das forças produtivas nos mais diversos modos de produção. Dessa forma, com a origem da propriedade privada dos meios de subsistência e das forças produtivas se altera toda a relação dos produtores (daqueles que trabalham) na produção da vida social. Uma parte da sociedade é submetida ao exercício do trabalho, enquanto outra parcela desfruta dos produtos do trabalho. Mesmo com a escassez e a baixa capacidade técnica de produção nas sociedades antigas, a sociedade do trabalho nesse momento se pauta no exercício da posse, daqueles que possuem as terras e os objetos do trabalho, e os outros se submetem aos que possuem esses meios de subsistência.

Essa nova etapa da sociedade se funda com o fim do comunismo primitivo (comunidades indígenas, tribais, quilombolas etc.). Tudo que se produzia era repartido para todos os membros e com a baixa capacidade técnica de produção, a escassez era comum e por isso, os homens eram nômades, mas, com a propriedade privada, que surge com o desenvolvimento técnico, os homens, ao produzir o excedente, deixam de ser nômades, a terra e os objetos de trabalho se tornam agora privados de tribos e comunidades específicas - automaticamente excluindo outras - e, assim, dominando e subordinando outros povos para o

¹ No texto *Sobre a Transformação do Macaco em Homem* de 1876, Friedrich Engels vai mostrando como o trabalho foi responsável pela transformação evolutiva do *Homo sapiens sapiens* até a nossa espécie.

seu enriquecimento social. É mediante a exploração² e alienação³ do trabalho que se inicia uma nova sociedade: a escravista.

Após o modo de produção baseado na escravidão, tivemos outros modos de produção, como o asiático, feudal etc., até a atualidade, o modo de produção capitalista, com a burguesia dominando o controle do trabalho, da política e de toda a sociabilidade. O que se percebe é que as variações no modo de produção material vão organizando a sociedade como um todo, principalmente a superestrutura social (as formas jurídicas, políticas, religiosas, ideológicas, a consciência, a filosofia, a arte etc.) ou seja, os modos de produção – da divisão e execução do trabalho e os interesses aos produtos do trabalho – determinam as condições sociais que cotidianamente está no imaginário social. Na verdade, existe uma dialeticidade entre a produção e os fatores sociais relacionados a ideologia, artes, filosofia, formas jurídicas, políticas, sociais etc. Uma coisa influencia diretamente na outra, como por exemplo, a mesma sociedade de classes que criou a divisão sexual do trabalho, pode ser destruída com um movimento de mulheres fortes que combata a estrutura de classes e do patriarcado. As mulheres e os homens agindo contra a superestrutura classista reverbera na destruição da sociedade de produção classista.

É dentro dessa compreensão acerca da relação metabólica do homem com a natureza, tanto no campo natural como político que observamos categoricamente as particularidades do trabalho contemporâneo no sistema de produção social capitalista que tenta mistificar toda a exploração de uma classe sobre a outra, de diversas maneiras, como a falsificação do salário que subordina os trabalhadores despossuídos dos meios produtivos, a vender sua força de trabalho para o enriquecimento burguês. A tentativa burguesa é sempre mascarar a realidade através do salário para manter a sua forma fundamentalmente escravocrata.

O trabalho assalariado - como forma dinâmica do trabalho no capital - nasce com a escravidão forçada negra/indígena, estupros em massa, políticas de eugenia das mais violentas possíveis e o deslocamento de trabalhadores brancos europeus para o exercício do trabalho urbano-industrial.⁴ Com um conjunto de políticas de discriminação racial, sexual e de gênero no país, o capitalismo no Brasil se desenvolve e se torna o modelo econômico vigente,

² É importante notar que “Independente da existência de produção mercantil, onde vige a apropriação privada do excedente econômico estão dadas as condições para a emergência da alienação.”(NETTO, 1981, p. 84).

³ Por alienação nesse primeiro momento devemos compreender como: “Complexo simultaneamente de causalidades e resultantes históricos-sociais, desenvolver-se quantos os agentes sociais particulares não conseguem discernir e reconhecer nas formas sociais o conteúdo e o efeito da sua ação e intervenção; assim, aquelas formas e, no limite, a sua própria motivação à ação aparecem-lhe como alheias e estranhas.” (NETTO, 1981, p.84).

⁴ Para mais detalhes desse processo violento da implantação do trabalho assalariado em relação a escravidão do povo preto, recomendamos o capítulo 3 do livro: Sociologia do Negro Brasileiro (2019) do historiador e sociólogo brasileiro, Clóvis Moura.

controlando todos os polos do trabalho e, nesse sentido, as classes sociais brasileiras são construídas também por fatores ligados às identidades de seus povos.

Essa relação apresentada acerca do trabalho em seu sentido ontológico e a dinâmica do modo de produção (no Brasil e no mundo) se configura através da reflexão onde “O que diferencia as épocas econômicas não é “o que” é produzido, mas “ como”, como que meios de trabalho. Estes não apenas fornecem uma medida do grau de desenvolvimento da força de trabalho, mas também indicam as condições sociais nas quais se trabalham” (MARX, 2017, p.257). A forma da organização do trabalho é a categoria central que nos guia para uma análise mais concreta das relações sociais de produção.

Dessa forma, o filósofo compreende como esse processo de trabalho que produz produtos, é o trabalho concreto. A respeito do trabalho concreto:

O processo de trabalho como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso –, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana, ou melhor, comum a todas as formas sociais. (MARX, 2017, p. 261)

Desse modo percebemos, com a citação, que “é a atividade orientada a um fim - a produção de valores de uso – apropriação do elemento natural”, ou seja, o trabalho concreto é o tipo de produção das necessidades humanas em qualquer tempo histórico e social. O que é intrínseco à vida humana e a nossa sobrevivência enquanto espécie. O valor de uso⁵, submetido à lógica capitalista, é submetido a forma de abstração do trabalho: o trabalho abstrato⁶. Nesse sentido, o trabalho concreto que é existente a produção da vida social e biológica do homem, em um período histórico e social determinado que é o modo de produção capitalista, as formas específicas e qualitativas do trabalho humano, se converte em uma abstração social com o processo de troca e mercantilização dos produtos socialmente privados.

Isso significa que todo o processo de trabalho possui sua forma e dinâmica específica e que qualitativamente os produtos do trabalho são distintos. Porém, com o processo do capital em mercantilizar-comercializar o trabalho humano, os objetos – do trabalho - tornam-se

⁵ Que de modo geral, são os produtos que decorrem das necessidades humanas e que possui qualitativamente suas distinções inerentes ao seu processo de produção e objetivação social e existencial. Em *O' capital*, em especial, na primeira seção

⁶ A forma social de como a abstração de troca de mercadoria, socialização privada do trabalho e das relações monetárias abstraem a forma qualitativa e específicas dos produtos do trabalho humano.

abstratos, ou seja, no processo social em que prevalece a troca, os objetos do trabalho se apresentam em seu caráter social como iguais, pois são medidas por quantitativamente e não qualitativamente.

2.2 Trabalho produtivo e seu caráter abstrato

Em vista a compreensão do que é o trabalho e sua importância para a vida humana e a existência de qualquer sociedade que existiu e que esteja por vir, é imprescindível entender duas categorias essenciais existentes dentro do conceito trabalho: o trabalho material-produtivo e o imaterial-reprodutivo. Iremos nesse primeiro momento delimitar o trabalho em seu caráter especificamente produtivo, a base existencial da humanidade. Ao se tratar do trabalho produtivo⁷, precisamos entender que ele é o trabalho de produção de produtos, de itens necessários para o homem sobreviver, do trabalho no campo e nas indústrias na maior parte do tempo, trabalho esse que garante aos homens ter o que comer, vestir, morar e sobreviver.

O trabalho produtivo na sociabilidade burguesa se transforma para além de produtos que garantam a existência humana, está diretamente ligado à valorização do capital⁸ e se tornam medidas de trocas. Isso opõe-se às sociedades antigas que, por meio do escambo, trocavam produtos para a sua sobrevivência e divisão da produção devido aos limites do mercado e da ausência de técnicas produtivas que dessem conta da demanda da época. Hoje, na era do capital, onde as forças produtivas cumprem sua função social, ela se apresenta como: “Apenas produtos privados, separados e mutuamente independentes um dos outros confrontam-se como mercadorias.” (MARX, 2017. p.120) A produção ganha sua forma de mercadoria quando a produção do trabalho se torna privada e sua socialização por meio da troca mistifica todo o trabalho que está por trás da sua produção, fazendo com que se torne uma quantidade amorfa de trabalho socialmente produzido.

A mercadoria é valor de uso e em sua relação social se constitui enquanto valor de troca, porque: “ Para produzir mercadoria, ele tem que produzir não apenas valor de uso, mas valor de uso para outrem, valor de uso social.” (MARX, 2017. p.119) O caráter privado do

⁷ Faz-se necessário aqui compreender a diferença do que estamos delimitando como trabalho concreto e produtivo. O trabalho produtivo aqui que estamos abordando está além de uma produção de produtos (como é o caso do trabalho concreto), mas sim como produção e autovalorização de valor. Como de produção do mais-mais-valor/mais-valor.

⁸ Estamos nos referindo aqui à teoria do valor. O valor sendo o tempo socialmente necessário para a produção. Tal autovalorização advém da produção do mais-valor

trabalho se torna uma relação social entre a objetivação de indivíduos privados dos meios de produção social. Essa relação social permeia toda a sociabilidade humana no capital.

Tendo em vista o poder dos meios de produção e pela privatização dos meios de trabalho que a burguesia exerce sobre os trabalhadores, na produção das mercadorias um processo social que consiste em mercadorias qualitativamente diferentes umas das outras, cada uma com suas especificidades, se deparam dentro de uma simetria de quantidade e não seu caráter qualitativo, ou seja, o trabalho social humano é definido por sua simetria abstrata das particularidades inerentes ao trabalho humano. Para ser mais claro:

Do primeiro ponto de vista, como se sabe, as mercadorias são completamente heterogêneas, distintas umas das outras, já que se distinguem em suas qualidades físicas constitutivas e, por conseguinte, também na utilidade para seus proprietários. Quando adentra no mercado como valor de troca, ou simplesmente valor, no entanto, toda mercadoria aparece como equivalente potencial de outras (SANTOS, 2018, p. 20).

Desse modo, a mercadoria (enquanto trabalho materializado) em seu processo de circulação, consumo e materialidade se apresenta como uma abstração no processo social, as diferenças qualitativas e produtivas do trabalho são analisadas por sua abstração monetária que irá determinar seu “valor” quantitativo por meio da abstração do trabalho.

Nesse sentido, a mercadoria enquanto objetificação do trabalho humano em sua aparência social se constitui enquanto trabalho humano abstrato devido à abstração qualitativa amorfa no mundo das mercadorias e a desrealização do produtor na alienação da produção. A mercadoria em seu aspecto de troca aparenta retirar de si todas as propriedades humanas envolvidas no seu processo de construção, porque se configura enquanto relação alheia ao produtor .

O caráter alienante da mercadoria enquanto procedimento que se articula a um trabalho humano abstrato resultado da perda das especificidades do trabalho humano devido ao modo privado das trocas entre coisas, resulta e se mostra independente do seu criador e da atividade humana. O seu procedimento místico se concentra na relação em que todas as mercadorias têm valor em si⁹. E que por serem incomensuráveis umas às outras, mediações quantitativas constituem esse arsenal para suprimir suas especificidades e assim, todas as mercadorias precisam passar pela mesma mediação: o dinheiro enquanto representação universal do valor.

⁹ No caso, valor de troca.

Sendo assim, a mercadoria nada mais é do que fruto do trabalho socialmente produzido e devido a sua forma de socialização do trabalho, seja em circulação ou na produção, ocorre o escamoteamento das relações de sua própria produção e adquire-se seu aspecto abstrato. A forma-mercadoria em sua relação social se apresenta em uma forma independente e distinta do trabalho humano enquanto a “valorização” monetária abstrai a relação singular da produção. O dinheiro, assim, se apresenta enquanto representação que equivale tanto a essa mercadoria (que é o trabalho humano objetificado) quanto do próprio trabalhador. O dinheiro ganha sua forma de mercadoria que controla e equivale a todas as mercadorias.

Isso significa que, com a exploração e alienação da atividade do trabalho humano, temos com a produção de mercadorias, as relações sociais sofrem um escamoteamento das suas formas sociais específicas, transformando todas as relações humanas cercadas por elas. O mundo das coisas domina o mundo dos homens ao ponto que toda a mediação humana perpassa por ela. Inclusive, aparenta não ter conexão entre mercadoria e o trabalho humano, pois o dinheiro e as mercadorias enquanto objeto do trabalho humano abstrato produzem a coisificação do trabalhador nas suas relações humanas. As relações humanas se definem pela relação entre compradores e vendedores no capitalismo. Ou seja, toda relação socialmente humana na produção de bens para garantia da existência física dos homens é entrelaçada pelas formas de alienação da reprodução societal do capital.

A alienação da mercadoria em sua forma social monetária nos mostra que existem diversos artifícios que cotidianamente tentam alienar o homem, mistificar a realidade e mascarar a exploração capitalista. O trabalho alienado é um motor crucial da violência e exploração do grande capital, pois, cotidianamente nos cercam, em nossas horas de lazer, estudos, trabalho, e até relações afetivas. Estas são permeadas pelo fetichismo da mercadoria, e a abstração do trabalho na própria construção do mundo moderno se caracteriza como fundamento essencial para se pensar o domínio do mundo das coisas sob o mundo dos homens, uma constante alienação da vida cotidiana e do espírito humano.

É nessa direção que entendemos o caráter crucial que o trabalho produtivo exerce para a humanidade e, neste ponto, se faz primordial entender também o desenvolvimento e a importância do trabalho imaterial-reprodutivo o qual é também essencialmente humano e se complexifica ainda mais no interior da produção e das esferas reprodutivas do grande capital, principalmente nessa fase de crise estrutural do capitalismo contemporâneo.

2.3 Trabalho Imaterial /Reprodutivo

Nesse segundo momento, trataremos do trabalho em sua expressão de imaterialidade dentro do seu caráter da reprodução societal do homem (que também são condições que são necessárias para a vida humana) e ao mesmo tempo está submetida às relações reprodutivas do grande capital. O trabalho reprodutivo-imaterial, são exercícios do trabalho que em si não geram mercadoria, podendo em si gerar ou não valor¹⁰

Apesar de não gerar mercadoria, mas contribuem direta ou indiretamente a manutenção do lucro e da exploração capitalista (dentro de suas especificidades na produção social). Dessa forma, podemos entender que esse tipo de trabalho, em muitos casos, é essencial para a vida humana e sua reprodução, como o caso da docência, da medicina, dos artistas, dos intelectuais como um todo. Pois eles estão inseridos na esfera que trabalha para a reprodução dos indivíduos que sirvam à dinâmica do capital¹¹.

Afinal, esses casos de profissões e trabalhos que não geram produtos em si, não produzem mercadorias, estão ligadas ao modo operante da reprodução social¹². Eles são importantes e cruciais para a humanidade, mas não geram lucro imediato em si e em si não existe valor *a priori*, mas, em sua relação social de produção, pode ser transformado em valor. O trabalho imaterial é todo aquele que não produz em sua constituição mercadorias que são comercializadas nas relações de troca. São formas de trabalho que estão mais direcionadas ao cuidado, à intelectualidade, a alguns tipos de artes e ao “bem-estar” humano. É uma dinâmica

¹⁰ Nosso objetivo aqui não é entrar na polêmica que se faz no interior dos círculos marxistas e dos economistas, se o trabalho imaterial em si gera ou não valor, mas compreendemos que a teoria do valor em Marx possui dimensões dialéticas e transformações com o mundo do trabalho de hoje. Para uma problematização mais detalhada acerca do assunto, indicamos aqui a leitura do cientista do trabalho, Ricardo Antunes: *O Privilégio da Servidão* (2020) em especial às páginas 41- 54.

¹¹ Tendo em vista que os homens precisam estar bem (ou simplesmente vivos) e possuir um conhecimento básico acerca da execução do trabalho, o capital consegue dominar esses campos que deveriam produzir apenas conforto e intelectualidade humana. Exemplo disso, é a própria educação. Paulo Freire (2019) compreende que a educação bancária predominante no Brasil, consegue alienar e explorar as massas e, assim, dominá-las e não emancipar. Uma educação para o capital. No entanto, reconhecemos os professores, médicos etc. que tentam lutar contra essa forma de dominação do capital em seus ambientes de trabalho e travam uma luta política por justiça social.

¹² O conceito “reprodução social” aqui será trabalhado de modo em que Marx e Engels apontam em *A Ideologia Alemã* (2009), onde as determinadas condições da vida objetiva e materialmente concretas reproduzem a lógica e a estrutura de como os homens constroem a vida e fazem a história. Ou seja, à maneira como os homens vivem sob os tentáculos do capital, essa lógica é incansavelmente reproduzida materialmente pela ideologia, no imaginário social e nas relações de trabalho. Ao mesmo tempo em que produzimos a vida, de tal maneira, perpetuamos a reprodução dessa estrutura também. Isso significa que todos os pontos aqui abordados ao longo do texto (como a forma-mercadoria, trabalho abstrato, mais-valia, alienação, capital constante e variável etc.) são formas do capital manter e reproduzir essa lógica de exploração, coisificação e alienação dos homens. Nossa proposta é, através desses conceitos, mostrar como eles (re)produzem esse sistema de dominação de uns sobre outros.

da reprodução social em que se garantem condições para que os seres humanos continuem a sobreviver após as suas condições animais e apriorísticas para sua existência, ou seja, condições de existência de vida além do comer.

Todas as ferramentas da sociabilidade capitalista, desde o desenvolvimento da produção até as profissões mais progressistas possíveis, estão à mercê dessa ordem desumanizadora e destrutiva do capital. Enquanto predominar a lucratividade em detrimento da humanidade, os trabalhos se configuram enquanto modos reprodutivistas de alienação em massa e ideologia dominante. Isso não apaga a luta anticapital no interior da atuação que diversos trabalhadores exercem, mas a observação aqui é estrutural, não singular.

Em frente a essa realidade, deve-se compreender que o desenvolvimento das forças produtivas (a capacidade técnica de produção em grande escala e alta velocidade) está à serviço de uma produção capitalista e, ao mesmo tempo, garante superprodução para toda a espécie humana se manter viva, a relação de reprodução social no capital. Enquanto os diversos profissionais irão de forma indireta ou direta contribuir para a perpetuação desse ciclo vicioso e exploratório capitalista. Pois existe uma submissão total do trabalho ao capital, ou seja, do trabalhador ao capitalista e sua engrenagem, por exemplo, na criação de máquinas que irão retirar emprego dos mais marginalizados ou compartilhando a alienação da ideologia burguesa em escolas. As esferas produtivistas e reprodutivas do capital são constantes modos de alienação do trabalho e da vida cotidiana, dos modos mais diversificados e alternativos possíveis e em todas as esferas da vida, na indústria cultural, no sistema judiciário e nos meios de comunicação etc.

Em paralelo a isso, o filósofo marxista contemporâneo Louis Althusser, em sua obra clássica *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (2003) consegue fazer uma releitura essencial da literatura marxiana, onde compreende o papel que os diversos fatores que perpassam cotidianamente a vida humana e seus aparelhos, como o sistema político, jurídico, educacional, religioso, cultural, familiar, da informação-comunicação, etc., portanto, são mecanismos que são estruturados para a reprodução societal do capital. Logo, os trabalhadores desses setores estão à serviço da reprodução tanto do capital (consciente ou inconscientemente) como também da reprodução dos indivíduos para que se perpetue a sua espécie.

O trabalho reprodutivo que, assim como o produtivo, é essencial, no entanto, também foi engolido pela dinâmica do capital de diversas formas, sendo que toda a sua configuração está na manutenção da ordem vigente, na garantia que a ideologia burguesa se perpetue e se mostre como única alternativa possível esse modo de vida, assim como, também, formas de alienação dos mais pauperizados. Os trabalhos imateriais-reprodutivos estão à serviço da

valorização do capital de outros modos distintos do trabalho produtivo e a maioria dos trabalhadores “imateriais” estão ideologizados na perspectiva de uma sociedade classista burguesa, desde sua formação humana, porque o capital utiliza de todos os seus aparelhos ideológicos para a defesa alienante da sociedade burguesa.

O que devemos entender com isso é que a reprodução social são as condições que determinam o ciclo de reprodução biológica-social do homem, as medidas que garantem ao homem a sua existência sem necessariamente produzir mercadorias, como os médicos, enfermeiros etc. e que os trabalhadores imateriais estão ligados à reprodução capitalista pois estão conectados de forma direta ou indireta à produção. Desse modo, não devemos analisar ambas as categorias de trabalho separadamente, mas sim de maneira entrelaçada, entendendo suas perspectivas extremamente dialéticas. Por isso fica claro que a sociabilidade burguesa amplia seus mecanismos de alienação e pauperização da classe trabalhadora, sendo que não se pode pensar a exploração do capital sem entender sua alienação: A alienação tende a tornar a classe trabalhadora imóvel do seu processo social e histórico. Até mesmo os setores mais intelectuais de sua classe, porque a alienação afeta diretamente a humanidade dos homens.

Dessa forma, o que é necessário deixar claro é que, do mesmo modo que trabalhadores do campo ou da indústria geram em si de imediato a mais-valia/ lucro para o capitalista, os trabalhadores imateriais também, podendo ser isso feito por meio da mais-valia ou da ideologia etc., e a diversidade de aspectos que a reprodução social do capital articula enquanto uma engenharia que produz uma alienação constante da vida humana é gigantesca.¹³ Por isso, percebemos que a luta contra essa máquina destrutiva de humanização que é o sistema capitalista não possui em si só um “sujeito revolucionário específico” que é o proletariado como defende por exemplo (LESSA, 2012), mas uma luta conjunta entre trabalhadores da produção e os “imateriais”, podendo qualquer ala da classe trabalhadora dar início a um processo de transformação social, pois não existe sujeito revolucionário a priori.

¹³ Repito a dizer que diversos trabalhadores dos dois campos tentam ir contra a ordem capitalista e suas formas históricas de resistência, seja no campo ou na sala de aula, poderíamos listar fatos históricos e sociais disso. No entanto, nosso trabalho aqui não é esse, ao menos não nesse momento, mas, compreender que o trabalho humano está submetido à lógica do capital e suas instituições sociais, seja por via do Estado, da indústria ou do campo.

2.4 A Nova Morfologia Do Trabalho¹⁴

No último século, ocorreram diversas transformações no mundo do trabalho, na expansão capitalista e na sua estrutura produtiva, como também mudanças na classe trabalhadora. Dessa forma, precisamos analisar cuidadosamente esses novos meios do exercício da vida e do trabalho, com a queda do sistema fordista e taylorista, o primeiro tendo como fundamento uma produção industrial que se constituía em uma produção em massa de linhas de montagem homogêneas e o segundo com características mais flexíveis, de uma divisão do trabalho mais acentuada, a produção mais voltada à demanda e com uma maior alienação e acidentes no trabalho, devido ao operário exercer diversas funções no processo produtivo.

Após a queda desses dois sistemas que predominaram por muito tempo na produção industrial, no início de 1970 temos uma reestruturação na produção e o avanço do neoliberalismo em diversos lugares no mundo. No Brasil, isso só acontece anos depois, tendo-se assim uma resistência ao neoliberalismo e sua política devido à luta dos setores democráticos da população brasileira que lutaram bravamente contra o nefasto período ditatorial militar que enfrentamos naquele momento.

Com essa nova reestruturação produtiva que se inicia com o neoliberalismo, temos assim o avanço da devastação do trabalho e de políticas contra a classe trabalhadora. Os setores do mercado mundial ganham mais força, o capitalismo entra em sua fase estrutural de crise e a financeirização toma conta dos setores bancário e industrial e, com isso, potencializando sua ideologia e alienação de forma nunca mais vista. Nesse momento, ocorre em grande parte do mundo uma flexibilização e precarização do mundo do trabalho, diversos direitos trabalhistas sendo completamente rasgados e duramente reprimidos, os trabalhadores e progressistas que ousaram lutar contra essa nova dinâmica do capital em subordinar o trabalho.

Em nosso país, entre 1964 a 1985, o período da ditadura militar brasileira é marcado por um forte período de acumulação capitalista, superexploração da força de trabalho, forte dependência econômica, baixos salários e longas jornadas de trabalho. O neoliberalismo só se constitui de fato em 1990, período logo após a queda da ditadura militar (1985) e os setores do capital financeiro conseguem ainda assim, articular seus interesses na Constituição Federal de 1988 e amenizar as lutas populares. Apesar de reconhecer o avanço da Constituição de 1988 no que tange aos direitos da classe trabalhadora, ainda assim, não foi o suficiente para dar conta

¹⁴ O conceito apropriado é do sociólogo brasileiro, Ricardo Antunes. Esse tópico tem como base reflexões próprias e uma leitura cuidadosa dos seus principais livros: *Adeus ao Trabalho* (2015) e *Privilégio da Servidão* (2020).

de barrar o neoliberalismo e punir severamente os empresários que financiaram, exploraram, mataram os trabalhadores progressistas e democratas do país. É assim que se constitui o neoliberalismo no país, através da repressão e violência.

Com essa nova estrutura produtiva e a submissão do país aos interesses imperialistas, acontece um verdadeiro integralismo com os governos de Fernando Collor (1990-1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) com as políticas de privatização de grandes estatais, desindustrialização do país e dependência na divisão internacional do trabalho. A onda de flexibilização do trabalho toma conta da realidade brasileira.

O Brasil começa a adotar vários modelos organizacionais de outros países, deixa o capital financeiro à vontade em nossas terras e participa de uma competitividade internacional que trará lucros estrangeiros em detrimento da exploração da força de trabalho brasileiro e, por consequência a essas políticas neoliberais da década de 1990, surgem os novos aparelhos sindicais em teorias combativas a esse processo. Esse período é marcado da seguinte forma:

A combinação entre neoliberalismo, financeirização da economia e reestruturação produtiva acarretou também profundas metamorfoses na classe trabalhadora e em sua morfologia. A flexibilização produtiva, as desregulamentações, as novas formas de gestão do capital, o aumento das terceirizações, e da informalidade acabaram por desenhar uma nova fase do Brasil (ANTUNES, 2020, p. 124).

Esses três fatores abordados por Antunes: neoliberalismo, financeirização e reestruturação produtiva são os principais fenômenos para entender a devastação do trabalho no país e uma profunda alienação nos setores da classe-que-vive-do trabalho, pois esses três fatores mudam drasticamente as configurações no mundo do trabalho e outras dinâmicas da sociabilidade dos pauperizados pelo capital.

Os setores de serviços avançam no país e de fato a flexibilização se torna a alternativa para milhões de trabalhadores (assim como Antunes, não enxergamos a flexibilidade como diretamente resultado da precarização) mas a precarização de fato está ligada à flexibilização. A flexibilidade do trabalho nada mais é do que os trabalhadores estando à mercê de cargos, bicos, trabalhos temporários, a famosa informalidade. Isso coloca diversos setores da sociedade sem o mínimo de proteção social ao exercício do trabalho, tendo de se submeter a longas jornadas de trabalho, baixos salários e insegurança financeira.

Esse processo se alastra de forma muito severa nos últimos anos, mesmo com as políticas do social-liberalismo dos governos petistas (Lula 2003-2010) (Dilma 2011-2016)

avançando na formalidade do trabalho, o seu projeto dito neodesenvolvimentista não consegue dar conta da tragédia que se repercute no país. Sendo assim, o trabalho flexível enquanto poder do capital está em baratear a força de trabalho humana, em contratar menos funcionários e descartar os trabalhadores.

Todos esses acontecimentos reverberam em uma maior alienação da vida humana e da classe trabalhadora, os trabalhadores são ainda mais desconectados da sua humanidade e do seu gênero humano, as suas alternativas de lutas aparentemente se limitam, a ausência de segurança de luta pelos direitos de classe e de reconhecer as patologias do sistema capitalista se intensificam, em uma expansão da reificação. Aos estarem em uma situação de desamparo social e trabalhista, são submetidos às piores formas de trabalho, por vezes, análogo à escravidão. A alienação se mostra novamente enquanto motor central da luta de classes e intensifica a ausência de uma insurreição popular.

Neste sentido, a flexibilização se torna a precarização da vida e atividade humana. A precarização do trabalho humano no Brasil cresce sem medidas, principalmente após a reforma trabalhista de Michel Temer e legitimada pelo autocrata Jair Bolsonaro. As conquistas históricas da classe trabalhadora com o intuito de amenizar o fardo que é o trabalho no capital foram jogadas ao lixo nos últimos anos. O poder dos patrões sobre os trabalhadores só avança, os empregos diminuem e a precariedade resume a vida dos trabalhadores brasileiros.

Esses trabalhadores, jogados na marginalidade do sistema do capital, sobrevivem agora dos “bicos” ou dos trabalhos mais precarizados possíveis, como vendedores nos diversos espaços das cidades, *call-centers*, uber’s, no agronegócio e na agricultura comandada por coronéis. São vínculos empregatícios que não garantem segurança financeira ou social, normalmente superexplorados devido aos fatores inerentes à nova reestruturação produtiva que é permeada pela velocidade, alta produtividade no menor tempo possível.

Essa nova metamorfose da esfera produtiva, mais do que nunca, se preocupa com a intensidade do trabalho, a velocidade da produção, pois só cresce, tanto no setor produtivo quanto no de serviço. Essa conjuntura complexa acarreta diversas patologias relacionadas à saúde mental e o suicídio¹⁵, os despossuídos são submetidos a uma alta produtividade e com pequenos intervalos para almoço ou idas aos banheiros¹⁶, com pouca socialização com os demais trabalhadores e tendo como risco, caso não se adaptar aos números desumanos de

¹⁵ O professor Ricardo Antunes em: *O Privilégio da Servidão*, no capítulo 8, traz dados alarmantes da realidade de trabalhadores nos setores de serviços e do setor produtivo.

¹⁶ As formas de expropriação de mais-valia ganham dimensões terríveis nos setores de serviços e plataformas digitais.

atendimento ou à produção mercadológica que as empresas e indústrias estabelecem, à demissão como resultado. Uma completa animalização progressiva da vida humana.

Além disso, um fator importante é que individualizam o trabalho nesse processo para que não se crie uma solidariedade de classe e se intensifique a alienação do trabalho sobre o trabalhador. Essas novas morfologias no interior do mundo do trabalho tentam individualizar ao máximo trabalhadores para que a socialização seja a menor possível, e não se criem laços de afeto, de solidariedade, de empatia, de uma força política baseada na fraternidade de classe enquanto potência revolucionária, enquanto horizonte anticapitalista. Essa solidão do trabalhador no processo do trabalho permeia uma série de complexidades adotadas pelo capital que além de alienar, o fragiliza e o explora sem medidas.

Esse mecanismo abre expansão para uma competitividade entre os próprios trabalhadores, de produzir sempre mais, duplicar metas, garantir o emprego e ser manipulado a cumprir horas extras¹⁷ e olhar o outro trabalhador enquanto um inimigo que precisa ser vencido. O que se confronta com o papel disciplinador que os “supervisores” ou gestores do capital executam sobre os trabalhadores, os trabalhadores estão cada vez mais sendo disciplinados às ordens e regras estabelecidas pelas indústrias e empresas para sempre produzir e sem o descanso necessário. A disciplina enquanto norma de violência exploratória¹⁸ é uma condição essencial nesse momento desenfreado de reprodução do capital.

Essa individualização abre alas para diversas medidas, como é o exemplo de assédios no trabalho e violências das mais variadas que podem ocorrer (destaco aqui as mulheres, os negros e os LGBTQ+ como principais alvos desses assédios) e, frente à subordinação direta do/a trabalhador/a à opressão, este se vê sem o direito ao questionamento, principalmente pela sua solidão no trabalho e ausência de apoio de classe. A ausência de apoio e a insegurança dos direitos trabalhistas submetem trabalhadores e trabalhadoras a diversas discriminações e manipulações aos quais os gestores do capital os subordinam, principalmente tendo em vista que nos últimos anos os direitos das mulheres, da população LGBTQ+ e da população negra-indígena no Brasil foram negados e rasgados.

Essas ferramentas do capitalismo contemporâneo em expropriar o trabalho humano em prol do capital, alienar e fragilizar a classe trabalhadora em larga escala é um projeto político que tenta individualizar e reificar as relações humanas e de classe, a fim de imobilizar e

¹⁷ O professor Antunes mostra que em diversos casos, essas horas extras - em especial em *call-centers* - não são pagas

¹⁸ Michel Foucault no livro: *Vigiar e Punir* (2014) na terceira parte do livro, ao tratar da disciplina compreende que as formas coercitivas foram importantes para a burguesia aumentar suas taxas de lucros e tornar o corpo do trabalhador mais submisso à economia burguesa, consequentemente, uma miséria corpórea para o explorado/a.

despolitizar o caráter revolucionário que a classe trabalhadora pode exercer na transformação social. Os tipos de alienações se configuram e se expandem sem medidas desde que garantem a projeção do capital como única forma de convívio e relações sociais possível, pois a característica essencial do capital é seu acúmulo e expansão desenfreada reprodutivista baseada na espoliação e expropriação do trabalho humano.

Nessa medida, além de ser perceptível essas metamorfoses na esfera produtiva e reprodutiva do trabalho no capital, em especial no Brasil, temos também uma nova classe trabalhadora, ou melhor dizer: múltiplas identidades e culturas dos trabalhadores no Brasil. Os trabalhadores brasileiros são compostos por mulheres, negros, LGBT's, imigrantes, indígenas etc. Uma verdadeira diversidade dos explorados e dos que lutam indiretamente ou diretamente contra o capital. Isso é importante porque devemos pensar que cada um desses grupos sofre com a alienação produtiva e reprodutiva do capital e suas relações de coisificação das mais diversas e, portanto, as lutas da classe trabalhadora em combate à alienação na vida cotidiana se expandem e se configuram nesse processo reprodutivo de opressões intrínsecas ao grande capital em sua fase de crise estrutural e monopolista.

Tendo em vista esse horizonte multifacetário da classe trabalhadora, percebemos que, no que tange ao trabalho nas diversas sociedades de classes, nunca se conseguiu abolir seu caráter alienante e, por consequência, suas transformações se concretizam por várias medidas ao longos da história humana, como: com a origem da propriedade privada, seu modo de trabalho abstrato humano por meio da mercadoria, a sociabilidade vigente, o trabalho assalariado e as formas do capital usá-la como forma de despolitização, fragmentação e competitividade de classe. Portanto, torna-se necessário entender cuidadosamente o que se configura como alienação, seus desdobramentos sociais, uma relação extremamente filosófica na produção do cotidiano do gênero humano e sua aplicação enquanto conceito a essa realidade que está em dinâmica em nosso país. A alienação enquanto conceito e atividade das relações de produções sociais da vida humana é um dos mecanismos da própria divisão social do trabalho entre produtores e exploradores. Desde o excedente do trabalho em sociedades nômades até a atualidade. Neste sentido, é crucial a compreensão do que seja a alienação e seu processo conceitual na história do pensamento filosófico e suas dimensões estruturais.

3. A ALIENAÇÃO DA VIDA SOCIAL EM MARX

3.1 Uma breve história filosófica da alienação

Esse tópico de forma rápida pretende apresentar diversos textos¹⁹ onde a alienação está presente na nossa tradição filosófica ocidental e apontar caminhos que nos possibilitem compreender e problematizar essas questões. Tendo em vista que em cada tempo histórico as particularidades da forma como se entende a alienação influenciam diretamente no pensamento dos filósofos e outros grandes intelectuais, por conseguinte, as limitações econômicas, sociais, ontológicas e educacionais históricas delimitam possibilidades da totalidade que compõe a alienação nas esferas da vida social.

O debate acerca da alienação sempre esteve presente em diversos momentos da história filosófica, sendo abordada direta ou indiretamente por diversos pensadores. Desde o grande Aristóteles até Hegel. As conceituações, problematizações e saídas foram das mais diversas, mediadas pelo tempo histórico ao qual estavam inseridas e, conseqüentemente, muitas delas caracterizadas pelas próprias limitações filosóficas e sociais.

Na antiguidade, em alguns filósofos como Aristóteles, como aponta Mészáros (2016), no interior de suas problematizações e concepções filosóficas, o problema da alienação já vinha se construindo, mesmo sem uma conceitualização precisa e delimitada. Principalmente acerca das análises políticas e sociais em *A Política* (2014) nas quais o filósofo tenta compreender as relações políticas e sociais naquela determinada sociedade em que ele estava inserido e naquele determinado tempo histórico. Estudos esses de Aristóteles que foram importantes para uma compreensão filosófica, histórica e social da dinâmica das relações políticas e até de classes naquelas formas sociais de produção da vida .

Séculos depois, outros dois grandes filósofos do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant, em seus respectivos textos: *Discursos sobre economia política* (2018) e *Contrato Social* (1973) de Rousseau e *Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?* (2022)

¹⁹ A pretensão aqui não é discutir necessariamente cada um dos pontos apresentados pelos filósofos que contribuíram com o tema ou trazer citações canônicas. A intenção, na verdade, é mostrar que Marx não foi o primeiro e nem o único a tratar da alienação, apesar de que compreendemos que foi um dos primeiros a uma problematização específica do tema. Para mais informações acerca do conceito na história da filosofia, sugerimos consultar: *A teoria da Alienação em Marx* de István Mészáros, em especial as primeiras duas seções, sobre a origem da concepção de alienação e a gênese da teoria. Além disso, a obra: *Karl Marx: Uma biografia* escrita por José Paulo Netto, em especial, o capítulo acerca dos *Manuscritos-econômico-filosóficos de 1844*.

de Kant, nos trazem alguns avanços importantes e radicais teoricamente na percepção da alienação, influenciados pelo Iluminismo e pela revolução (burguesa) francesa.

Rousseau, em seu *Contrato Social* (1973), é brilhante no entendimento dos fatores econômicos e sociais que se articulam com a desigualdade social. A divisão social entre classes produz desumanidade, principalmente, alienação, porque: “alienar é dar ou vender. [...] Mas um povo, por que se venderia? [...] Mesmo que cada um pudesse alienar-se a si, não poderia mesmo seus filhos, pois estes nascem homens e livres, sua liberdade pertence-lhes e ninguém, senão eles, goza do direito de dispor dela. (Rousseau, 1977 *apud* Mészáros, 2016, p.54). O filósofo percebe que existe uma alienação na produção social, quando se trata sobre a liberdade, os homens não são tão livres quanto parece.

No entanto, o filósofo, ao longo do tempo, vai defender que esse tipo de alienação de vender-se é atrelada pela forma dinheiro. Outras formas, como defesa de seu país e outros fenômenos, não são mais alienação. Rousseau ainda não rompe com os ideais iluministas burgueses. Apesar dos *Discursos sobre economia política* (2018) ele tinha percebido que a sociedade burguesa era parcial e defendia os seus próprios interesses. Pois:

Essa situação [o pacto social] proporciona uma poderosa proteção ao imenso patrimônio dos ricos e mal garante ao pobre a posse tranquila do barraco que ele constitui com suas próprias mãos. Não é verdade que todas as vantagens da sociedade favorecem os ricos e poderosos? Não é verdade que eles ocupam todos os cargos lucrativos? Não lhes serão reservados todos os privilégios e isenções? A autoridade pública não está sempre ao seu lado? Se um homem eminente fraudava credores, ou é culpado de outras desonestidades, não goza sempre de impunidade? (Rousseau, 2003, *apud* Mészáros, 2016, p.52)

Fica evidente que Rousseau foi bastante crítico tanto da desigualdade entre os homens quanto em alguma medida acerca da alienação, mas, apesar desse avanço acerca dessa famigerada liberdade e desigualdade em sua obra clássica, *O Contrato Social*, o autor ainda defende a existência dessas instituições, ou seja, as instituições burguesas, as mesmas que são mecanismos de alienação e estruturação da sociedade de classes. O contrato social em si, apesar de importante para uma análise acerca da ciência política, é um grau elevado da ideologia burguesa. Principalmente se levarmos em conta que a saída para os problemas sociais apontados por Rousseau é a educação moral. A educação moral seria a libertação desses problemas.²⁰ A

²⁰Compreendemos que a defesa pela educação é uma proposta social muito importante no século XVIII e até os dias atuais. No entanto, sabemos que ela por si não é suficiente para resolver tais mazelas sociais.

desigualdade e a alienação ultrapassam a educação. Na verdade, a educação é reflexo das alienações e lutas econômicas e políticas travadas entre os trabalhadores e seus opressores.

Já para Kant em: Resposta à pergunta: O que é esclarecimento? (2022) temos reflexões importantes e uma defesa ferrenha pela autonomia intelectual humana, o pensar por si, a maioria, a libertação do pensar humano das correntes de outrem. A capacidade dos sujeitos desenvolverem por si uma criticidade plena e habilitar-se ao livre desenvolvimento e entendimento do homem acerca da razão e pressupostos de uma variedade de conhecimentos, ou seja, a educação como uma formação humana que nos capacita a pensar e agir racionalmente contra as irracionalidades que o cercam, a maioria é a saída da minoridade. Ela representa a própria autoconstrução do sujeito pelo conhecimento que nos torna capazes dos processos morais e do agir, como também dos conhecimentos em geral. No fundo, de maneira imediata, é antialienante, partindo do pressuposto da independência do ser ao pensar, uma defesa dos intelectuais contra os aristocratas do pensar.

Todavia, isso é só uma impressão imediata, pois, na prática, essa certa autonomia do pensamento, da formação humana e da própria educação em si é permeada por toda uma lógica social que nos impossibilita de tal coisa. Porque todos os meios da produção e reprodução social são dominantes economicamente e espiritualmente pela burguesia, desde os currículos escolares até os meios de comunicação são controlados pelo poder burguês do Estado. A formação humana sobre o capitalismo e principalmente na educação são meios que produzem tudo, menos a autonomia do pensar.

A intelectualidade não garante o rompimento com a ordem vigente (apesar que, se bem usada, pode ser um instrumento de libertação) tendo em vista que aqueles que usarem da sua autonomia para a racionalidade de modo humanista são atacados de diversas formas pelos métodos repressivos e bárbaros do Estado. A falsa liberdade de autonomia do pensar é direcionada desde a infância por ideologias e alienações da vida cotidiana, somos produtos das relações sociais de alienação e desumanização do homem pelo homem.

Enquanto isso, Hegel (2007) e Feuerbach (2007) se afastam dos iluministas acerca dessa concepção de educação moral e compreenderam mais concretamente a relação que a alienação ocupa na filosofia e na objetivação da vida humana. Hegel entende a objetividade automaticamente enquanto uma alienação do Espírito e da história. A alienação ganha um tom de universalidade e inevitabilidade, pois, em todo o procedimento da vida objetiva e subjetiva, o Espírito está sempre produzindo alienação. A relação de alienação e história em Hegel se manifesta como “ a expressão abstrata, lógica e especulativa para o movimento da história” (MÉSZÁROS, 2016, p. 46). A objetividade em Hegel não ganha seu caráter histórico, social ou

econômico, por exemplo. Essa universalidade do Espírito na objetivação se apresenta como algo intrínseco ao homem em sua produção existencial e não como uma mediação sócio-política específica da relação do homem com o modo de produzir a vida social, como é de fato o fator central da alienação.²¹

O filósofo alemão Ludwig Feuerbach é reconhecido pelo seu ateísmo humanista e antropológico, o qual influenciou diversos intelectuais, entre eles, Marx e Engels. Nesse sentido, em sua grande obra *A essência do Cristianismo* (2007) ele traz uma perspectiva da alienação no campo da religião e do materialismo como centralidade da relação do homem com a natureza e seu processo vital. O homem é visto como um ativo da natureza e, por consequência, percebe-se que o homem é alienado da sua figura enquanto Ser, pois toda a sua constituição é petrificada na existência de um suposto Deus, ou seja, todas as atribuições humanas relacionadas à bondade e ao amor são materializadas na figura de Deus. O homem cria Deus de acordo com a sua semelhança e não ao contrário. O filósofo consegue perceber que as frustrações do homem com a miséria social são direcionadas à Deus e à imortalidade religiosa.²² A religião se apresenta como a saída e solução para os problemas deste mundo material. De acordo com isso: “Feuerbach se colocava contra a opressão do homem e defendia uma vida digna, sem pobreza e necessidade, mas aqui e agora. A ideia religiosa da imortalidade, para ele, não era nada mais que o desejo de ter uma vida melhor.” (ATAIDE, 2019). Certamente o nosso filósofo compreendeu pilares importantes da alienação religiosa, porém, acreditou que a saída para tudo isso seria a suplementação dessa concepção da religião ou da religiosidade. Feuerbach esqueceu que a religião é um produto social e que se transforma historicamente, ou seja, isso não é suficiente, principalmente porque a “inspiração basicamente feuerbachiana na qual a alienação tem como sujeito o homem abstrato e é um processo que se opera na consciência de si desse homem em geral”. (NETTO, p. 104). A consciência dos homens é permeada pela maneira como organizamos a vida social e cultural. As relações de produção direcionam as relações espirituais e a própria materialidade do homem em Ser.

²¹Pois: “Se em Hegel a supressão da alienação equivale à supressão da objetivação, nos *Manuscritos* a objetivação só é alienação em condições históricas determinadas – nas condições próprias à existência histórica da propriedade privada (com as suas conexões com a divisão do trabalho, a produção mercantil e o trabalho assalariado).” (NETTO, 2020 p. 155)

²²Afinal de contas é muito mais fácil acreditar em uma possível salvação na vida eterna (ser escolhido/a por Deus) onde promete-se um mundo sem miséria, dor ou sofrimento, do que nas complexidades das relações sociais e enxergar a saída nos próprios homens, como construtores de um novo mundo material possível.

3.2 A Teoria da alienação em Marx

O filósofo alemão Karl Marx nos apresenta nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 um novo tipo de alienação.²³ Não mais movida pela ausência de conhecimento específico, como prega o senso comum ou simplesmente como um estágio da consciência, como diversos pensadores da tradição filosófica destacam.²⁴ O filósofo alemão parte da centralidade do processo produtivo e do antagonismo entre capital e trabalho. Tendo em vista então que o trabalho é o motor central para a existência do ser enquanto ser existencial e social, o produtor das condições que tornam o sujeito humano vivo e sua relação inerente com a transformação da natureza, hoje no capitalismo, o trabalho se torna assalariado. Dessa forma, Marx, inserido no contexto de desenvolvimento da industrialização capitalista, compreende que o processo produtivo industrial se dá mediante a uma relação de estranhamento²⁵ do homem com a natureza, consigo mesmo, com o outro e em especial, com e seu produto²⁶. Partindo da concepção em que a gênese da “alienação do trabalho enquanto a causa que está na raiz de todo o complexo de alienações.” (MÉSZÁROS, 2016, p. 21) , é pelo trabalho que se iniciam as alienações da vida social. Isso se constitui com o advento da propriedade privada. Logo, com a divisão social de classes, ocorre uma transformação no trabalho social, o homem [trabalhador] é expropriado da sua primeira condição de existência: a terra.

²³Inicialmente trataremos do conceito de alienação como a totalidade social das relações de trabalho, onde está coisifica e codifica o homem. A alienação aqui é para além da produção, mas uma esfera de coisificação do homem na reprodução social.

²⁴É óbvio que nesse primeiro momento Marx avança na perspectiva da categoria-conceitual acerca da alienação em comparação aos filósofos da modernidade. No entanto, compartilhamos da mesma concepção do professor e intelectual José Paulo Netto no entendimento que “ Antes de 1857-1858, a dialética aparência/ essência do ser social lhe resulta explicada pela inversão que, mercê da alienação, mistifica as expressões da vida social: a descrição daquela inversão, mais o elenco das implicações na relação inter-humana, aparecem assim como operação crítica possível com a qual a tematização marxiana da alienação busca apreender o porquê da inversão generalizada. O jejum político-econômico de 1844 não concede a Marx os recursos teóricos para desvendar o como histórico-concreto daquela inversão. Em consequência, os conceitos funcionam sobretudo descritiva e normativamente, e a operação crítica não se funda nem se completa numa efetiva explicação genética.” (NETTO, 1981, p. 77). Ou seja, Marx parte de uma maneira geral do que é a alienação, enquanto este processo social que destitui o homem de toda a sua objetividade e humanidade. Os fatores apresentados pelo filósofo não partem nesse primeiro momento de toda uma concretude da especificidade da alienação na produção da vida social capitalista. Nesse momento a relação de Marx com a economia política era praticamente inexistente, sua relação teórica se pautava mais no campo da filosofia.

²⁵O conceito de estranhamento aqui será tratado como: um não reconhecimento do *Ser* em relação ao processo produtivo. É uma particularidade da alienação.

²⁶Dentro desse contexto, onde nos referimos sobre a “ generalização” de Marx em 1844, queremos que fique claro as seguintes questões. 1º: Esse tópico irá trabalhar justamente essas questões do jovem Marx (sem problematizar suas “ limitações”) e mostrar os fundamentos gerais das alienações. 2º: questão: Após esse tópico, as concepções de um Marx mais maduro serão exploradas, em especial, em *O’ capital*. Vários conceitos econômicos-filosóficos da particularidade social do capital deixarão mais claro os tentáculos da alienação como reprodução social.

A privatização da terra se concretiza como primeiro fundamento da alienação humana, pois a produção a partir da propriedade privada transforma as relações de trabalho. O trabalho, nesse momento, priva os homens de suas condições de existência e toda a produção é para o outro. A relação do homem com a terra é permeada por um estranhamento, um não reconhecimento de si com o modo de produção, a natureza agora não é mais uma relação de criação e harmonia que é parte do organismo humano, mas sim de subserviência, de exploração, de enriquecimento. Marx nos explica bem essa questão, pois:

A propriedade privada, é, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado, da relação externa, do trabalhador com a natureza e consigo mesmo. A propriedade privada resulta, portanto, por análise, do conceito de trabalho exteriorizado, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem estranhado. (MARX, 2010, p. 87)

A relação da terra privada com o homem nesse primeiro momento é o que configura todas as demais relações do homem com a produção da existência humana e os fatores econômicos. Nesse sentido, com o surgimento e criação da grande indústria, que historicamente é o maior desenvolvimento das forças produtivas e da ciência moderna, esse grande meio de produção é cravada na terra expropriada e alienada dos trabalhadores. Apesar da alienação ganhar seu sentido econômico com a propriedade privada, nas relações socialmente mercantis, somente com a consolidação do sistema capitalista, isso se expande para as demais esferas da vida humana, se torna de fato estrutural. A alienação se expande por diversas esferas da vida social - nas relações políticas, sociais, educacionais, estéticos-artísticos e valores éticos/morais etc.²⁷- perpassando todo o cotidiano humano com a indústria moderna e a produção de mercadorias.

Para ser mais claro, na sociedade capitalista onde reina a contradição entre trabalho e capital, os modos de produção - dessa natureza transformada e alienada - constroem a maneira como os homens e mulheres organizam a vida social. Os seres humanos na sociedade burguesa são socialmente expropriados das ferramentas de trabalho, das fábricas, indústrias etc. O homem não se reconhece enquanto sujeito participante e construtor do mundo do trabalho, sua posição na escala produtiva é de servidão. E “o auge da servidão é que somente como trabalhador ele [pode] se manter como sujeito físico e apenas como sujeito físico ele é

²⁷Para uma análise mais profunda das estruturas sociais da alienação na sociabilidade capitalista. Indicamos a biografia: A teoria da Alienação de István Mészáros (2016)

trabalhador.” (MARX, 2010, p. 82) O que precede a existência do trabalhador, é a exploração da sua vida e espírito.

Essa primeira mediação do homem com a terra e, logo mais, com essa natureza alienada de si (a grande indústria) configura a alienação enquanto processo ontológico e histórico. Percebemos que partimos da alienação enquanto um processo histórico com mediações específicas da sociedade na qual ela está inserida, e da maneira como organizamos a vida social, compreendemos a genialidade de Marx, que analisa a alienação não como mero problema da consciência, mas como um processo material que determina os homens alienados de si pelas suas próprias condições existenciais.

Tendo isso em vista, temos o entendimento do sistema capitalista como uma produção de mercadorias e de que tudo nesse sistema econômico é transformado em valor-mercadoria. (MARX, 2017) E, quem produz esse mundo das coisas é o trabalhador, mesmo que a participação do homem no processo produtivo seja movida pela fragmentação da totalidade existencial do objeto, se empenhando na efetivação disso e exteriorizando o objeto e a si como mercadoria.

A produção produz o homem não somente como uma mercadoria, a mercadoria humana, o homem na determinação da mercadoria, ela o produz, nesta determinação respectiva, precisamente como um ser desumanizado tanto espiritual quanto corporalmente - imoralidade, deformação, embrutecimento de trabalhadores e capitalistas. Seu produto é a mercadoria consciente-de-si autoativa...a mercadoria humana. (MARX, 2010, p.92-93)

O homem ao produzir mercadoria, também produz a si como mercadoria “ativa”, produz sua própria miséria social, existencial e corporal, sobretudo devido ao fato que a produção capitalista é essencialmente uma produção de grande escala e, assim, a deformação e brutalização dos trabalhadores é massivamente alienada, efetivada e estimulada. A produção determina uma desumanização constante que vai tornando o homem uma máquina de produção, uma mercadoria e acima de tudo, vítima de sua própria produção. O homem, sob a ótica do capital, não passa de uma força de trabalho que pode ser explorada sob quaisquer que sejam as condições. A existência humana é resumida à produção, o homem deixa de ser homem, no sentido de produzir humanidades e condições que potencializam suas capacidades cognitivas, motoras, criativas, críticas e comunicativas, fatores que são inerentes ao homem enquanto ser único e racional. Sua vida se torna uma mercadoria, porque:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias, ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2010, p.80)

O trabalhador, ao se empenhar na efetivação e exteriorização da mercadoria, se dedica plenamente na constituição da mercadoria enquanto produto valorativo. No entanto, o trabalhador vai cada vez mais se desgastando em suas forças físicas, motoras, intelectuais etc. Quanto mais complexo, mais se dedica tempo ao trabalho para a produção, e mais os homens perdem suas capacidades físicas, motoras, intelectuais. E, por consequência, sua existência torna-se cada vez mais ameaçada - mais problemas de saúde, seja física ou mental - ao mesmo tempo que se torna uma mercadoria como qualquer outra, que pode ser devidamente substituída. Sua força de trabalho, cada vez mais barata, pois, cada vez mais fraco, mais doente, sua produção é menor e seu “valor” também será menor. O trabalhador ao longo do tempo vai perdendo sua “validade” para os capitalistas. Quanto mais produz humanidade para a mercadoria, mais desumanizado se torna. O mundo não humano (das coisas) avança sobre a desumanização dos homens.

O homem ao se transformar em mercadoria no decorrer do processo produtivo, cria uma relação própria com o fruto da sua criação. O trabalhador, ao produzir - na divisão sociotécnica do trabalho - e na própria fragmentação do processo produtivo, fica responsável por uma parcela da produção e, no final dessa produção, ele não consegue identificar a sua criatura. Existe uma suposta independência da criatura, ela ganha vida, autonomia, independência e liberdade em relação ao seu produtor, pois:

A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2010, p. 81)

Ou seja, existe um estranhamento no processo produtivo que retira do trabalhador o seu caráter fundamental: a sua capacidade de criação e de produtor da riqueza social. O homem, nessa relação de estranhamento, não se percebe enquanto agente social, enquanto produtor da

vida social pela circunstância em que produto de sua criação passa a ser humanizado e valorizado em detrimento da sua servidão e miséria social. O homem assim, não se reconhece em nenhuma medida no processo produtivo enquanto homem, porque seu produto não lhe pertence, lhe é estranho, hostil e para outrem. A propriedade privada cria assim uma relação animalesca do homem com seu trabalho, uma relação em que a mercadoria se apresenta como uma relação abstrata e metafísica do seu produtor. Essa relação de estranhamento se constitui na grande indústria e nas relações de alienações da vida cotidiana, justamente porque a vida humana no sistema capitalista se configura como meio de vida e não vida em si²⁸, ou seja, o trabalho assalariado só garante aos trabalhadores suas condições mínimas e físicas de existência, para que sobrevivam enquanto trabalhadores que irão produzir e reproduzir (biologicamente e socialmente) para continuar sendo explorados.

Como Marx nos diz “As carências do trabalhador são assim, para ela, apenas necessidade de conservá-lo durante o trabalho, a fim de que a raça de trabalhadores não desapareça.”(MARX, 2010, p. 92) Os trabalhadores produzem a riqueza social do mundo, por isso, precisam existir fisicamente para trabalhar. A produção social com o trabalho assalariado é necessariamente alienante, os homens não se reconhecem enquanto homens, mas enquanto animais que sobrevivem. O trabalho exteriorizado e objetivado só se apresenta a si como alheio ao humano, as necessidades do homem assim se constituem como as relações de qualquer animal. Nesse sentido:

O animal forma apenas segundo a medida e a carência das espécies à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer espécies, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto, o homem também forma, por isso, seguindo as leis da beleza. Precisamente por isso, na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica operativa. O objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem. [...] Consequentemente, quando arranca do homem o objeto de sua produção, o trabalho estranhado arranca-se sua vida genérica, sua efetiva objetividade genérica e transforma sua vantagem com relação a desvantagem de lhe ser tirado o seu corpo inorgânico, a natureza. (MARX, 2010, p. 85)

²⁸ Para se pensar isso na atualidade, em 1981, José Paulo Netto já tinha a percepção que: “Na idade avançada do monopólio, a organização capitalista da vida social preenche todos os espaços permeia todos os interstícios da existência individual: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que penetra a totalidade da existência dos agentes sociais particulares - é o cotidiano dos indivíduos que se torna administrado, um difuso terrorismo psicossocial se destila de todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instâncias que outrora o indivíduo podia reserva-se como áreas de autonomia (a constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação dos imaginários, a gratuidade do ócio etc) convertem-se em limbos programáveis.” (NETTO, 1981, p.81-82)

O que constitui o homem enquanto sujeito social é o trabalho. Porém, sob o domínio do capital e do trabalho assalariado, o homem volta à sua esfera da pré-história da humanidade, na qual toda sua existência é baseada na sobrevivência. E isso se intensifica para uma universalização para aqueles que vendem sua força de trabalho. O homem é expropriado do que o caracteriza enquanto ser social, a sua distinção sobre os animais com o advento da economia burguesa, não mais existe. O homem é desvalorizado e des-realizado de si, de suas capacidades de existência, que são minimizadas ao existir apenas fisicamente. A expropriação do trabalhador, retira de si uma unicidade, sua particularidade social e biológica, o ser genérico é coisificado gradualmente.

Por consequência:

Em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana. O estranhamento do homem, em geral toda a relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para com o outro homem. Na relação do trabalho estranhado cada homem considera, portanto, o outro homem segundo seu critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador. (MARX, 2010, p. 86)

O homem alienado de si, desconfigurado de sua particularidade social, não percebe o outro enquanto humano porque as relações sociais se tornam relações entre produtores e consumidores e não mais relações humanas. A relação de estranhamento dos homens com outros homens se constitui por uma relação de desefetivação das relações comunais, tornando assim, relações concorrenciais. Os trabalhadores se tornam inimigos, que lutam pela sobrevivência, pelo salário, pelo emprego, ou seja, pela existência física uns contra os outros. A “alteridade” não existe, porque a desumanização do homem no processo produtivo e social produz massivamente uma diversidade de desumanização. O homem não se reconhece enquanto ser e, conseqüentemente, não reconhece outros homens enquanto iguais.²⁹

Embora os homens se constituam enquanto seres sociais que produzem

²⁹ “Na sociedade burguesa constituída, os processos alienados e alienantes não resgatam, das épocas históricas-sociais pretendentes, a naturalização de forças sociais desconhecidas e/ ou a sua atribuição a qualquer sujeito mítico ou individualidade humana privilegiada; simplesmente coisificam-se em exterioridades, alteridades sociais, que compõem um largo repertório objetual cujos elementos singulares são vividos e percebidos como dados autônomos, substanciados e conclusos.” (NETTO, 1981, p.85)

conscientemente a vida social e as condições de vida, ferramentas e toda a organização atrelada ao trabalho, ainda assim, é a única espécie alienada de si, porque sua relação com a sociedade e com a produção é de espoliação do que o torna único: produzir conscientemente para si uma vida com sentido. A espoliação consegue usurpar desse ser social o que configura a sua humanidade física e espiritual.

3.3 “Uma ilusão necessária” : O fetichismo da mercadoria

O fetichismo da mercadoria, uma ilusão necessária para a manutenção do *modus operandi* do capital, enquanto modo de coisificação das relações sociais e naturalização dos processos de explorações que são objetivamente sociais e históricos, se apresenta em seu caráter mítico dos procedimentos factuais na produção efetiva da mercadoria como alheia aos processos materiais entre os seres humanos e o trabalho. Ou seja, a mercadoria se eleva ao nível de mediação social entre o homem, o trabalho, a circulação da produção e a própria reprodução da vida cotidiana. A centralidade é sua expansão na imediatez reificante dos homens em suas relações concretas na produção de vida.

Sendo assim “ a concepção marxiana do fetichismo supõe uma teoria da alienação” (NETTO, 1981, p.60) No entanto, não são conceitos iguais. O jovem Marx dos *Manuscritos de 1844* compreendeu os fundamentos básicos de uma destituição do homem com a sua realidade material - que é alienação - , a “ inversão” social dos homens em frente aos processos sociais reais e concretos da vida material e acima de tudo, a relação do homem com a expropriação das forças produtivas que o priva do controle social e o seu próprio reconhecimento enquanto ser social e ser subjetivo que é inerente aos processos objetivos.³⁰

Com os avanços teóricos-epistemológicos de Marx após 1844, seus estudos indicam que o que as “Investigações marxianas posteriores a 1857-1858 fazem é situar a reificação, posta pelo fetichismo, como estrutura específica da alienação que se engendra na sociedade burguesa constituída.” (NETTO, 1981, p. 80) Marx sai da forma genérica de alienação e começa a

³⁰A alienação como vimos no tópico anterior é basicamente a ideia que “ A alienação, complexo simultaneamente de casualidades e resultantes históricos-sociais, desenvolver quando agentes particulares não conseguem discernir e reconhecer nas formas sociais o conteúdo e o efeito da sua ação e intervenção; assim; aquelas formas e, no limite, a sua própria motivação à ação aparecem-lhe alheias e estranhas. (NETTO, 1981, p.74) E quando partimos destes pontos, percebemos que a alienação é anterior ao capital, porque “ independentemente da existência mercantil, onde vige a apropriação privada do excedente econômico estão dadas as condições para a emergência da alienação.” (NETTO, 1981, p.74). Isso não significa dizer que as formas alienantes do sistema feudal são iguais à do capitalismo, ao contrário, a expansão de destituição do homem e sua completa desumanização no capital, se intensifica de forma brutal e violenta em todos os polos da vida humana e social.

perceber as particularidades dos fundamentos de 44. Compreende agora as especificidades da alienação na sociedade burguesa e principalmente o caráter mítico da mercadoria enquanto célula econômica dessa sociedade³¹. Isto é o que chamamos de fetichismo da mercadoria.

Desse modo, a produção material das coisas que são intrínsecas à nossa existência física são produtos de valores de uso. Porém, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, onde se consegue abstrair e reverter a lógica social do valor das coisas, a produção se torna mercantilizada e tudo se transforma necessariamente em relação comercial, em valores de troca³². Isso se dá porque a produção do trabalho social é mediada por uma relação de trabalho privado, de expropriação e divisão sociotécnica bem definida, pois: “Os objetos de uso só se tornam mercadoria porque são produtores de trabalhos privados realizados independente uns dos outros. O conjunto desses trabalhos privados constitui o trabalho social total.” (MARX, 2017, p.148) Ou seja, a dinâmica social da produção torna-se uma produção anárquica e independente uns dos outros, constituindo assim, o elo desses trabalhos independentes e privados, a troca. Marx define de tal forma:

Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo., que se cola aos produtos do trabalho tão logo são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 2017, p. 148)

A forma-mercadoria é intrínseca ao processo de constituição do capitalismo. A “célula econômica da sociedade burguesa” (MARX, 2017). E, por meio disso, o caráter fetichista da mercadoria torna as relações sociais de coisificação como forma natural dos processos sociais entre os seres humanos. O modo misterioso e encantador da mercadoria surge justamente da sua forma, onde as necessidades humanas - por meio do valor de uso - são subordinadas aos interesses comerciais da produção capitalista - os valores de troca – na qual o “ não essencial” reina sobre o essencial. A mercadoria, em seu processo de troca entre outras mercadorias, é determinada por via do trabalho privado e da mercantilização social entre coisas, e os produtores

³¹“A problemática do fetichismo é um aspecto da problemática mais abrangente da alienação.” (NETTO, 1981, p.80)

³²E “Quando o valor de uso, nela não há nada de misterioso, seja do ponto de vista que ela satisfaz as necessidades humanas por meios de suas propriedades, seja do ponto de vista de que ela só recebe essas propriedades como produto do trabalho humano.” (MARX, 2017, p.146)

assim se relacionam uns com os outros, mediados por tal relação entre coisas (mercadorias), e não por relações genuinamente humanas.

Marx torna isso muito claro, quando afirma que:

Os trabalhos privados atuam efetivamente como elos do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, também entre produtores. A estes últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas e relações sociais entre coisas. (MARX, 2017, p. 148)

As relações humanas deixam de ter seu protagonismo na sociabilidade humana porque estão submetidas às relações das coisas, porque as coisas assumem o papel das pessoas (enquanto mediadoras nas imediações sociais). As relações humanas são, assim, relações reificadas, relações entre coisas. As coisas mediam as relações humanas. Em ênfase, as relações intersubjetivas nessa sociedade do capital se constituem enquanto relações humanas marcadas por sua produção, e não por si enquanto ser social e humano. As mulheres e os homens se deparam entre si enquanto em uma mera relação de produção e criação de mercadorias. As mercadorias tomam conta de todas as esferas da vida humana e da maneira como reproduzimos a vida social, subjetiva e das relações humanas.

Se partimos da análise em que a anatomia social do capital é a mercadoria. Iremos compreender que sua estrutura enquanto célula da economia burguesa perpassa todas as relações econômicas e sociais. Sua representação social nas relações da vida cotidiana se apresenta enquanto algo que é a-histórico, suprassensível e metafísico, desvinculada da sua realidade - de sua concretude - que é uma forma determinada e específica socialmente produzida. Ou seja, as mercadorias participam de todas as formas da vida social e se apresentam distante de sua concretude, das relações de trabalho intrínsecas à sua produção.

Em seu caráter ilusório - que é estabelecida no processo social de coisificação das relações sociais - momento em que as relações humanas estão à mercê e mediadas pelas relações sociais, percebemos que a mercadoria se estabelece para além da produção social de meios de subsistência. Porque a sua forma essencialmente histórica-econômica ganha um caráter mágico e de feitiço que “parece surgir do nada”³³ e que encanta por suas qualidades e especificidades,

³³Sabe-se que é historicamente e socialmente determinada pela relação de imediatidade que a mercadoria permeia a sociabilidade humana na sociedade burguesa.

ao mesmo tempo que potencializa efeitos de compras e desejos humanos, mistificam todas às relações de exploração e espoliação que seus produtores enfrentam.

Pois, o caráter fetichista da mercadoria, além de escamotear toda a cadeia de produção que está ligada a ela, se mostra como:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como objetivos dos seus próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores do trabalho com o trabalho total como uma relação social entre objetos, existentes à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. (MARX, 2017, p. 147)

A mercadoria em si não se mostra como uma produção humana, pois ela toma conta das mediações entre produção, circulação e consumo, exteriorizando-se como uma representação natural dos processos sociais. Tendo em vista que essa forma mercantil do trabalho privado se defronta com a mercadoria enquanto mediação das relações humanas, produz também uma percepção a-histórica do real sentido do trabalho e das relações sociais, porque o caráter fetichista da mercadoria torna enganosa a sua real existência.

Nesse sentido, a mercadoria como mediação entre os produtores da riqueza social (os trabalhadores) em situação de reificação enquanto classe e alienados de si³⁴ se metamorfoseia com o próprio desenvolvimento econômico e, dessa forma, as relações comerciais capitalistas em seu modelo simples da sua gênese M-D-M (mercadoria - dinheiro - mercadoria) passa a ser D-M-D' (dinheiro - mercadoria - dinheiro valorizado pela expropriação do mais-valor, ou seja, capital). Esse processo transforma o dinheiro em mercadoria. O dinheiro, como forma monetária das relações econômicas, é o equivalente/ objetivação fetichista do trabalho humano³⁵. O trabalho humano sofre a mutação econômica-social pela mediação das trocas (via dinheiro) tornando-se nova mediação, ou seja, o dinheiro torna-se capital – pela exploração do

³⁴Compreende-se aqui a relação entre o fetichismo da mercadoria e alienação a seguinte questão: “ O fetichismo é uma modalidade da alienação (...) O fetichismo próprio à sociedade burguesa constituída se manifesta, indiscutível, em e por formas de vivência e representação alienadas. O fetichismo põe, necessariamente, a alienação - mas fetichismo e alienação não são idênticos.” (NETTO, 1981, p.73-74) A alienação, de modo geral, é assim caracterizada: “ A alienação, complexo de causalidades e resultados históricos-sociais, desenvolve-se quando os agentes sociais particulares não conseguem discernir e reconhecer nas formas sociais o conteúdo e o efeito da sua ação e intervenção; assim, aquelas formas e, no limite, a sua própria motivação à ação aparecem-lhe como alheias e estranhas. (NETTO, 1981, p.74)

³⁵“A abstração monetizada organiza todas as relações sócio-humanas num novo complexo, o mundo burguês.” (NETTO, 1981, p.78)

excedente do trabalho – e mercadoria. Por consequência, transforma as relações humanas e sociais em relações monetárias, de produção e reificadas em níveis inimagináveis.

O que Marx observa nessa questão é que:

As formas que rotulam os produtos do trabalho como mercadorias e, portanto, são pressupostas à circulação das mercadorias, já possuem solidez de formas naturais da vida social antes que os homens procurem esclarecer-se não sobre o caráter histórico dessas formas- que eles, antes, já consideram imutáveis -, mas sobre seu conteúdo. Assim, somente a análise dos preços das mercadorias conduziu à determinação da grandeza do valor, e somente a expressão monetária comum das mercadorias conduziu à fixação de seu caráter de valor. Porém, é justamente essa forma acabada - a forma-dinheiro - do mundo das mercadorias que vela materialmente, em vez de revelar, o caráter social dos trabalhos privados e, com isso, as relações sociais entre os trabalhadores privados. (MARX, 2017, p. 150)

A crítica marxiana é justamente ao caráter abstrato que o trabalho expressa na sociabilidade burguesa e como ela acaba determinando as relações sociais entre homens e mulheres, pois toda a produção e circulação das mercadorias tiram de si a sua estrutura histórica e se apresentam como natural e fatalista. O valor não é determinado pelas necessidades dos homens e para a harmonia social, mas como a mediação privada. A maneira vigente rasga, assim, o trabalho socialmente necessário dos homens em relações diretas e de laços puramente humanos que nos consideram enquanto seres sociais. As relações humanas deixam de contribuir diretamente para o benefício humano e suas interconexões. A relação acabada da forma-dinheiro se configura como uma desigualdade dos trabalhos humanos que põe o dinheiro como produto metafísico de igualdade social.

Uma observação interessante nisso é de que:

A igualdade plena dos diferentes trabalhos só pode consistir numa abstração de sua desigualdade real, na redução desses trabalhos ao seu caráter comum como dispêndio de força humana de trabalho, como trabalho humano abstrato [...] Os homens não se relacionam entre si como produtos do trabalho como valores por considerarem essas coisas meros invólucros materiais de trabalho humano do mesmo tipo. Ao contrário. Porque equiparam entre si seus produtos de diferentes tipos de troca, como valores, eles equiparam entre si seus diferentes tipos de troca, como valores, eles equiparam entre si seus trabalhos diferentes trabalhos humanos como trabalho humano. Eles não sabem disso, mas o fazem. Pois na testa do valor não está escrito o que ele é. (MARX, 2017, p.149)

Se os homens, por meio do trabalho, constroem a vida social e o caracterizam enquanto seres sociais e mutuamente produzem meios para a existência coletiva de sua espécie, na mediação mercadológica e retificada pela forma-dinheiro, os homens se relacionam uns com os outros pela via da troca, de maneira indireta com outros homens, por meio da abstração das relações sociais, ou melhor, por meio de mercadorias, o que se dá no campo da representação. Mas, de acordo com o ponto de vista ontológico e factual, os homens relacionam-se com outros homens pelo seu trabalho. Até porque as mercadorias nada mais são do que produtos do trabalho humano, frutos do trabalho social.

O capital cria assim relações e mediações sócio-históricas ilusórias e falsas tanto das relações humanas quanto das produções materiais do homem, a fim de escamotear as propriedades humanas e o próprio homem do que lhe configura como ser social e das suas inter-relações e conexões sociais que o ligam a outros homens. É necessário que na sociabilidade capitalista toda mediação humana seja reduzida à meras relações de troca de mercadorias. Desse modo, a produção de humanidades que se faz de modo direto é uma relação mercantil, concorrencial e alienante.

Nesse sentido, o professor José Paulo Netto consegue observar uma questão interessante:

Na sociedade burguesa constituída, os processos alienados e alienantes nas resgatam, das épocas histórico-sociais precedentes, a naturalização de forças sociais desconhecidas e /ou sua atribuição a qualquer sujeito mítico ou individualidade humana privilegiada; simplesmente, coisificam-se em exterioridades, alteridades sociais, que compõem um largo repertório objetual cujos elementos singulares são vividos e percebidos com dados autônomos, substancializados e conclusos. O caráter de coisas que as relações sociais adquirem na forma mercadoria é, agora, o caráter das objetivações humanas: elas se coagulam numa prática social que os agentes sociais particulares não reconhecem como sua. O fetichismo mercantil passa a ser o fetichismo do todo o intercâmbio humano. (NETTO, 1981, p. 85)

A leitura que o professor Netto consegue captar e articular de Marx é brilhante, porque ele mostra que anteriormente ao desenvolvimento das forças produtivas do capital e sua constituição, a relação do homem com as forças produtivas se dava por uma mediação de alienação do desconhecimento, da naturalização dos aspectos histórico-sociais que proporcionam uma certa “artificialidade”³⁶ das próprias contradições que cercavam as

³⁶O professor (NETTO, 1981) usa o termo para designar uma certa falta de objetividade e contradições histórico-sociais da maneira como o homem produzia a vida social e sua relação com as forças produtivas.

condições da produção da vida social, inerentes ao seu processo de desenvolvimento. Tendo isso em vista, consegue perceber que na forma-mercadoria, que constitui o sistema do capital, essa relação se transforma, não é dada por uma artificialidade ou uma pseudo-objetividade, mas, ao contrário, as condições sociais que estruturam a sociabilidade do capital promovem e sobrevivem disso.

A formas alienantes não se dão por via de uma má compreensão da realidade ou por aspectos alienantes em menor grau, agora se tornam a regra, porque as relações de produção se tornam inerentes a uma completa reificação das relações sociais devido ao seu caráter mercantilista que não sobrevive apenas em um pequeno grupo, mas que atinge a todos. A alienação da vida objetiva, subjetiva e intersubjetiva é estruturante e move a vida cotidiana. A maneira mercantilista que produz a vida social e sua reprodução, se caracteriza como mediações sociais reificadas que atravessam as mais diversas esferas da vida, potencializando assim uma alienação constante e progressiva da vida social.

A realidade social mistifica e altera qualquer relação de alteridade que existe entre os seres humanos, porque a forma mercantilista individualiza os sujeitos enquanto um mero produtor isolado do trabalho social, excluindo as condições de possibilidades das construções genuinamente humanas tanto na esfera da produção, quanto das relações puramente afetivas.

4 DESAFIOS, LUTAS E REVOLUÇÃO

4.1 O ser humano: uma mercadoria viva

Os aspectos ontológicos-histórico-sociais da alienação são importantes para entender a constituição da forma como os homens criam e recriam a sua produção social de vida. No entanto, analisaremos aqui aspectos mais econômicos do processo que transforma o valor do homem em valor de mercadoria, o interior e a especificidade da economia burguesa. Nesse sentido, se faz necessário entendermos conceitos basilares da crítica a economia política, como por exemplo: capital constante, capital variável e mais-valor (ou mais-valia), força de trabalho etc., e dialeticamente expor como a economia burguesa aliena o homem da infraestrutura social.

Marx, ao perceber a dinâmica do sistema capitalista, compreende que existe o capital constante (CC) e o capital variável (CV), assim como seus entrelaçamentos na produção. De acordo com isso, o capital constante é o imprescindível para a manutenção da gestão do capital, ou seja, o capital que é responsável para a compra da força de trabalho, funcionamento do modo de produção e das forças produtivas. Enquanto o capital variável é motivado pelas próprias condições técnicas sociais/produtivas/ambientais/históricas da produção. Ou seja, o capital variável vai ser determinado pelas possibilidades de desenvolvimento da indústria, da sociedade e do ambiente em que os homens estão produzindo³⁷.

Isso significa que o capitalista, para continuar com o poder econômico e social, deve garantir a força de trabalho, ou melhor dizendo, um homem/ mulher sempre será comprado para ser submetido à exploração do seu trabalho ao capital. Além disso, o capitalista precisa manter esse o funcionamento de seu modo de produção. O capital constante, enquanto essa força que é inerente ao capital, é a própria objetivação da perpetuação da alienação, pois torna-se responsável por alienar o homem como mercadoria e da apropriação do trabalho. Sendo assim, o caráter constante do capital não é possível na ordem concorrencial e mercantil, ele precisa avançar nas forças produtivas e criação de novas mercadorias, necessitando produzir mais valores.

³⁷Entendemos que a lógica capitalista ganha novas transformações em seu período de financeirização da economia e das demais esferas da vida social Marx, no III volume de *O capital* (2017), já apontava alguns elementos essenciais através da análise acerca do capital portador de juros e o sistema de créditos. Para uma leitura mais detalhada desse processo de financeirização da economia burguesa, indicamos as seguintes bibliografias: *Introdução à crítica da financeirização: Marx e o moderno sistema de crédito* (ORGS: GUSTAVO MOURA E PAULO NAKATANI, 2021) *O capital financeiro* (HILFERDING, 1985) e *A Mundialização do Capital* (CHESNAIS, 1996.)

O que Marx pontua é a seguinte questão:

Meios de produção de um lado, e força de trabalho, de outro, não são mais do que diferentes formas de existência que o valor do capital originário assume ao se despojar de sua forma-dinheiro e se converter nos fatores do processo de trabalho. Portanto, a parte do capital que se converte em meios de produção, isto é, em matérias-primas, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção. Por essa razão, denomino-a parte do capital constante, ou mais, sucintamente: capital constante. (MARX, 2017, p. 286)

Em vista dessa situação, temos então a forma homem-mercadoria. O capital em sua gênese não sobrevive sem transformar o homem em uma mercadoria como outra qualquer, porque o homem enquanto força de trabalho é o único que consegue produzir mais-valor e, ao mesmo tempo, podendo ser substituído e necessitando ser explorado para gerar mais-valia para se manter o ciclo do capital, pois o capitalismo só se mantém com o excedente do trabalho socialmente produzido. Se podemos dizer que o capitalismo tem alma, essa é a apropriação da mais-valia, que é a exploração do trabalho humano e do trabalhador.

Devemos entender nesse primeiro momento que o mais-valor/ mais-valia é:

O segundo período do processo de trabalho, em que o trabalhador trabalha além dos limites do trabalho necessário, custa-lhe, de certo, trabalho, dispêndio de força de trabalho, porém não cria valor algum para o próprio trabalhador. Ele gera mais-valor, que, para o capitalista, tem de modo o charme de uma criação a partir do nada. A essa parte da jornada de trabalho denomino tempo de trabalho excedente, e ao trabalho nela despendido denomino de mais-trabalho (MARX, 2017, p. 293).

O trabalhador, após criar a quantidade necessária para sua reprodução biológica-social, é explorado para sempre criar mais-valor, mais-lucro para os patrões, o salário sendo, assim, essa primeira parte da reprodução social e as horas/produção a mais que isso, se transformando no enriquecimento burguês. Ou seja, o trabalhador produz mais mercadorias-lucro, mais-trabalho do que é necessário para sua manutenção e, por consequência, progressivamente ocorre o dispêndio da sua força de trabalho, além do tempo do trabalho. O mais-trabalho usurpa constantemente do trabalhador em exercício sua força, tempo e desenvolvimento subjetivo. Marx, no texto *Salário, Preço e Lucro* (1978), exemplifica com a seguinte questão:

Ao comprar a força de trabalho do operário e ao pagá-la pelo seu valor, o capitalista adquire, como outro comprador, o direito de consumir ou usar a mercadoria comprada. A força de trabalho de um homem é consumida, ou usada, fazendo-o trabalhar, assim como se consome ou se usa uma máquina fazendo-a funcionar (MARX, 1978, p.82).

O trabalhador enquanto essa mercadoria viva e “autoconsciente” se reduz a essa produção de mais-valor e mais-trabalho, pois é o único que consegue produzir esse mais-valor, o homem é o capital vivo. O trabalhador é a máquina indispensável para a produção. Assim como as demais mercadorias da produção do mundo das coisas, o homem não se distingue delas. Ao ser submetido à vender sua força de trabalho, torna-se controlado e em uma plena subserviência ao capitalista. E assim, dentro desse ciclo de venda e compra da força de trabalho, se perpetua a miséria social e espiritual de todos aqueles que são expropriados dos meios de produção da vida social.

A lógica do capital é sempre manter a divisão social de classes e a forma homem-mercadoria, porque:

E, como vendeu sua força de trabalho ao capitalista, todo valor, ou todo o produto, por ele criado pertence ao capitalista, que é dono de sua força de trabalho, por tempore. [...] Este tipo de intercâmbio entre capital e trabalho é o que serve de base à produção capitalista, ou ao sistema do assalariamento, e tem de conduzir, sem cessar, à constante reprodução do operário como operário e do capitalista como capitalista (MARX, 1978, p.82).

A relação entre o trabalhador e o capitalista é a de compra e venda, na qual o trabalhador, ao ser vendido e refém do assalariamento enquanto mediação de reprodução social, continua à mercê da forma mercadoria. A sua [re]produção da vida existencial-social é sempre na condição de miséria social, de coisa, de escravo. Porque toda a produção criada pelo trabalhador é para outrem, sua vida é para a manutenção e enriquecimento do outro. A condição das relações de poder entre o trabalhador e o capitalista é de permanência desse *status quo*. Nesta relação de subserviência, a plenitude da mobilidade social entre classes não existe. Ocorre uma perpetuação da escravidão assalariada dentro do sistema capitalista. Enquanto este modo de produção existir, a produção de “escravidão” de um grupo sobre o outro prevalecerá.

A submissão do trabalho ao capital sempre irá reproduzir as condições da forma homem-mercadoria. O capital enquanto resultado do trabalho morto³⁸ se apropria de todo o trabalho vivo que advém do trabalhador e reduz a esfera e a forma-mercadoria que se pretende ser autônoma do seu criador. Nesse sentido, a forma societal de desumanização do homem pela produção cria homens e mulheres enquanto máquinas de produção, retirando deles mesmos a plenitude do que potencialmente deveria ser o ser humano. Marx entende perfeitamente esse processo:

O tempo é o campo do desenvolvimento humano. O homem que não dispõe de nenhum tempo livre, cuja a vida, afora as interrupções puramente físicas do sono, das refeições, etc., está toda ela absorvida pelo seu trabalho pelo capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destroçada e espiritualmente animalizada, para produzir riqueza alheia. E, no entanto, toda a história da moderna indústria demonstra que o capital, se não lhe põe um freio, lutará sempre, implacavelmente, e sem contemplações, para conduzir toda a classe operária a este nível de extrema degradação (MARX, 1978, p.82).

O filósofo entende a luta de classes em sua essência: não existe parâmetro para a barbárie e a exploração do capital. O capital não possui freios para a desumanização e expropriação, o seu caráter de acumulação desenfreada de capital (mais-trabalho) não respeita nenhum tipo de direitos humanos, nação, cultura ou povo. Não existe ética no sistema capitalista. O capitalismo se torna assim uma fábrica produtora de desumanização em todas as instâncias da vida humana. A retirada de qualquer subjetividade humana e qualquer sinônimo de uma práxis social que produza vida e o sentido de viver. O homem se torna uma máquina e nada além disso.

Afinal, o que fica perceptível é que de fato os processos que configuram o capital durante o tempo em que este se constitui como infraestrutura econômica tem como base o antagonismo social entre produtores e expropriadores do trabalho social, se fundamentam/mantém incessantemente reproduzindo suas mazelas que coisificam, danificam, exploram, alienam e aniquilam os trabalhadores. Os trabalhadores enquanto sujeitos históricos desse intercâmbio que submete o trabalho ao capital, as suas vidas enquanto assalariados se

³⁸O trabalho morto é a forma do capital. A transformação do trabalho vivo (dado pela transformação metabólica do homem com a natureza) é convertida na forma dinheiro/mercadoria/capital pela via da expropriação do mais-trabalho. O trabalho morto nada mais é do que o excedente da produção do trabalho vivo que metamorfoseou na forma de capital (o dinheiro/mercadoria) e mostra-se como independente e autônomo, reduzindo assim toda a riqueza social e o trabalho vivo a seus imperativos e propósitos.

reproduzem enquanto um processo escravagista - em toda a sua vida e em todas as esferas da vida social.

Nesse sentido, ainda nesse texto, Marx discorre sobre como a luta por maiores salários, jornadas de trabalho menores e condições melhores no exercício do trabalho são formas de luta contra o lucro dos patrões-governos e ações diretas contra o grande capital. As táticas de greve e aumentos de salários são ações que implicam diretamente no bolso dos capitalistas, a única forma de reduzir as taxas de lucros, tendo em vista que greves são uma forma de parar a produção, logo, o lucro do capitalista. A luta por aumento salarial é a eterna luta entre capital e trabalho, onde o interesse do capitalista é sempre rebaixar e baratear a força de trabalho, e o do trabalhador é melhores salários e condições de sobrevivência. A batalha por mínimas condições de vida, trabalho e direitos são tarefas históricas pelas quais a classe trabalhadora luta e enfrenta e nas quais coloca-se diretamente ou indiretamente contra a exploração capitalista.

Isso se mostra, principalmente, se analisarmos a partir da concepção de que “a taxa de mais-valor é, assim, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista” (MARX, 2017, p. 294). Isso é justamente o que tratamos anteriormente: o capital variável vai justamente ser determinado por esse grau de exploração do trabalho. As condições do nível de exploração, trabalho empregado, dinheiro adianto para a produção, trabalho individual e social são alguns fatores essenciais que irão ser determinados para a variabilidade desse nível acumulado do capital para o capitalista. Ou seja, é nítido que a exploração capitalista se dá pela relação da produção do excedente e somente a luta combativa organizada da classe trabalhadora pode alterar as alternativas e condições deste grau de opressão.

4.2 A jornada de trabalho como questão econômica e política: da dominação burguesa à ofensiva dos trabalhadores

Em *O capital*, no volume I, em especial, no capítulo 8, Marx vai analisar cuidadosamente a jornada de trabalho e a luta histórica dos trabalhadores, abrindo um leque de possibilidades de problematizar as questões das jornadas de trabalho no mundo do trabalho contemporâneo e as limitações da uma luta dos trabalhadores apenas no plano político da esfera da produção capitalista. De acordo com isso, percebemos no primeiro momento a necessidade de se compreender a seguinte questão:

Partimos do pressuposto de que a força de trabalho é comprada e vendida pelo seu valor, o qual, como o de qualquer outra mercadoria, é determinado pelo trabalho necessário à sua produção. Assim, se a produção dos meios de subsistência médios diários do trabalhador requer 6 horas de trabalho, então ele tem que trabalhar 6 horas por dia para reproduzir diariamente sua força de trabalho ou para reproduzir o valor recebido em sua venda (MARX, 2017, p. 305).

Marx reafirma o papel do capital: transformar o homem enquanto mercadoria capaz de apenas produzir lucro. Mas aqui, observamos também como o tempo é uma questão central para o capital pois, se entendemos que o nível de produção mais-valor é dado pela quantidade de produção, então, quanto maior o tempo de trabalho, maior o nível de exploração e produção de riqueza. Desse modo, a luta político-econômica pela redução ou ampliação da jornada de trabalho perpassa toda a história entre burguesia e proletariado.

A luta pela redução da jornada de trabalho que se mantém nos últimos séculos da classe trabalhadora é a luta contra a redução dos lucros da burguesia nacional e internacional. Por muito tempo, tivemos jornadas de trabalho de 18, 16, 14, 12 horas legalizadas pelo Estado³⁹. Onde mulheres grávidas, crianças, idosos e adolescentes eram submetidos a uma jornada de trabalho desumana, com condições insalubres, acidentes de trabalho devido à superexploração da força de trabalho, sem tempo digno ao sono e até mesmo às refeições diárias⁴⁰. Só depois de muitas lutas, resistências, boicotes na produção, destruição de máquinas e greves, foi possível uma redução das jornadas de trabalho, ao menos no plano jurídico⁴¹.

O tempo⁴² na esfera da produção burguesa é essencial (para explorar sem limites o trabalhador) como também, para os trabalhadores desenvolverem suas capacidades (sejam elas intelectuais, artísticas, cognitivas, críticas etc.) relacionadas ao espírito humano. E o que Marx observa é que:

³⁹Entendemos que modelos como os de tipo “análogos à escravidão” nunca deixaram de existir no sistema capitalista e não ironicamente só aumentam com a ofensiva burguesa aos direitos trabalhistas e aos direitos sociais. E isso tanto em território nacional quanto internacional. Podemos observar esse fenômeno cruel nas pesquisas do sociólogo brasileiro Ricardo Antunes. Para uma análise mais aprofundada, consultar: *O privilégio da servidão* (2020) em especial, os capítulos do 7 a 18 e o livro: *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0* (2020) onde mostra-se que a precarização é a regra, e não mais uma dita exceção.

⁴⁰Inclusive Marx vai relatando, ao decorrer do texto, diversas leis e projetos de leis que os capitalistas daquele tempo defendiam, entre elas, algumas em que os horários das refeições não deveriam entrar como jornada de trabalho. As necessidades biológicas do trabalhador para sobreviver não importavam.

⁴¹Marx vai mostrando que diversas dessas leis só existiam no plano jurídico. Até porque o Estado é a perpetuação política da exploração capitalista. O Estado não é neutro nem muito menos representa os interesses emancipatórios dos trabalhadores.

⁴²O tempo é um conceito filosófico que perpassa diversos pensadores, como S. Agostinho, Bergson, Deleuze etc., cada um contribuindo para aspectos importantes nessa problemática. Mas, neste momento, destacamos o conceito unicamente na esfera da produção da vida material e reprodução social.

O trabalhador precisa de tempo para satisfazer as necessidades intelectuais e sociais, cuja extensão e número são determinados pelo geral de cultura de uma dada época. A variação da jornada de trabalho se move, assim, no interior dos limites físicos e sociais, porém ambas as formas de limites são de natureza muito elástica e permitem mais amplas variações (MARX, 2017, p. 306).

Somente com um avanço na consciência política e social da classe trabalhadora é possível uma luta pela redução da jornada de trabalho com intuito de reduzir a quantidade de tempo em que o/a trabalhador/a está imerso na produção⁴³. Marx já tinha percebido no século XIX que havia condições de reduzir a jornada de trabalho, tendo em vista que em sua época esta era constituída em cerca de 18 a 12 horas. Hoje, com as revoluções no desenvolvimento das forças produtivas, poderíamos trabalhar menos que 8 horas semanais⁴⁴mas, ainda assim, grande parcela da população enfrenta superexploração do trabalho⁴⁵.

E, desse modo, pode-se criar condições de maior tempo livre, pois, somente com maior tempo livre, os sujeitos podem ter a oportunidade de criar relações de socialização, afetos, solidariedade, de empatia e visão de equidade social⁴⁶ onde homens e mulheres possam desenvolver atividades puramente para si. A luta pelo tempo é a luta para “redução” da alienação humana⁴⁷. Partindo do pressuposto em que cada vez mais o ser humano consegue viver mais sua vida cotidiana fora do modo laboral. Dessa maneira, temos condições de possibilidades para o desenvolvimento das mais variadas formas do homem em ser e existir, de criar relações humanas mais profundas, relações de solidariedade de classe e potencializar algum sentido que eles possam dar a vida⁴⁸.

Essa luta é contra a lógica do capital. Pois a lógica do capital é aquela na qual:

⁴³Tendo em vista que existem as implicações da mais-valia absoluta e relativa que irão determinar o grau de exploração que os capitalistas querem sobre os trabalhadores.

⁴⁴Mais informações: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/pesquisa-inglesa-mostra-que-reducao-da-jornada-de-trabalho-nao-afeta-produtividade/> e <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/enquanto-no-mundo-avanca-a-semana-de-4-dias-de-trabalho-reducao-de-jornada-empaca-no-brasil/>. Já é possível esse debate e sua aprovação em alguns países, principalmente os do Ocidente, no Sul global, na periferia do capital, temos ainda uma situação mais difícil, devido ao caráter desigual e espoliador do capital.

⁴⁵Já é discutido na esfera da política parlamentarista: <https://www.camara.leg.br/noticias/215300-614-milhoes-no-mundo-enfrentam-jornada-excessiva-diz-oit/>

⁴⁶Não queremos dizer que pessoas com tempo livre necessariamente criem esses sentimentos puramente humanos. Mas que somente pessoas com tempo livre têm a possibilidade de ter tempo para tais sentimentos, que é pressuposto de relações de socialização e humanas.

⁴⁷Partindo da concepção em que pode reduzir o tempo de trabalho e que se cria relações humanas mais profundas. E que desenvolva as capacidades puramente humanas e humanistas. Mas, isso não significa dizer que a alienação deixe de existir ou que a alienação está submetida a quantidade de horas de trabalho, no máximo, podemos ter uma condição de possibilidade de reduzir sua intensidade.

⁴⁸Sartre, em sua perspectiva humanista, nos mostrou que a vida em si não tem sentido, mas, que os homens em si, a partir de sua subjetividade e coletividade, podem dar rumos à vida, uma significação.

Sua alma é a alma do capital. Mas o capital tem um único impulso vital, o impulso de autovalorizar, de criar mais-valor, de absorver, com sua parte constante que são meios de produção, a maior quantidade de mais-trabalho. O capital é trabalho, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive, tanto mais quanto mais trabalho vivo ele suga. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho comprada do trabalhador. Se este consome seu tempo disponível para si mesmo, ele furta o capitalista (MARX, 2017, p. 307).

O máximo de tempo em que o capitalista puder explorar o trabalhador para a produção de mais-trabalho/ mais-valor, ele o fará. Não existe algum parâmetro que estabeleça humanização ou valor ético do capital, a não ser a luta da classe trabalhadora organizada contra seus processos exploratórios. A questão do tempo é uma luta pelo lucro, onde em cada mais que se produz, maior se torna as possibilidades de expansão dos mecanismos que garantem a perpetuação da reprodução, e mais rapidamente os capitalistas garantem a compra da força de trabalho, o modo de produção e o trabalho vivo. Na citação acima, Marx destaca: “Se este consome seu tempo disponível para si mesmo, ele furta o capitalista.” Porque os trabalhadores são vistos como máquinas de produção e, quando para por um momento dentro de sua determinada jornada de trabalho, é como um furto, onde ele rouba tempo dos capitalistas e tempo é sinônimo de lucro para o capital⁴⁹.

E, dessa forma, o que ocorre é que:

A jornada de trabalho contém 24 horas inteiras, deduzidas as poucas horas de repouso sem as quais a força de trabalho ficaria absolutamente incapacitada de realizar novamente seu serviço. Desde já, é evidente que o trabalhador, durante toda a sua vida, não é senão força de trabalho, razão pela qual todo o seu tempo disponível é, por natureza e por direito, tempo de trabalho, que pertence, portanto, à autovalorização do capital. Tempo para a formação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o cumprimento de funções sociais, para relações sociais, para o livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais, mesmo o tempo livre do domingo - e até mesmo no país sabatismo -, tudo isso é pura futilidade! Mas em seu impulso cego e desmedido, sua voracidade de lobisomem por mais-trabalho, o capital transgride não apenas os limites morais da jornada de trabalho, mas também seus limites puramente físicos. Ele usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção saudável do corpo (MARX, 2017, p. 337).

⁴⁹Marx nesse momento do texto ainda não tinha problematizado a questão da mais-valia absoluta e relativa. Capítulo esse que estará logo após o referente à jornada de trabalho.

Não existe nenhum tipo de intenção ou projeto de sociabilidade do capital em humanizar, em potencializar e criar ferramentas de um desenvolvimento das relações puramente humanas. O homem enquanto mercadoria é apenas reprodução e autovalorização do capital. O corpo e a subjetividade humana são meramente mecanizados e mercantilizados. São deixadas de lado em prol da lógica da acumulação desenfreada da riqueza, a qualquer custo, são esmagadas as singularidades humanas, as diferenças e pluralidade humana. Tudo se resume à força e mais força de trabalho, produção e reprodução social baseadas em uma subsistência frágil dos trabalhadores. Aos poucos e constantemente temos o definhamento corporal, da saúde e da subjetividade humana.

Pois:

O capital não se importa com o tempo de vida da força de trabalho. O que lhe interessa é única e exclusivamente o máximo de força de trabalho que pode ser posta em movimento em uma jornada de trabalho. [...] Ela produz o esgotamento e a morte de prematuros da própria força de trabalho. Ela prolonga o tempo de produção do trabalhador durante certo período mediante o encurtamento do tempo de vida. (MARX, 2017, p. 337)

As questões históricas relacionadas à saúde dos trabalhadores sempre estão ligadas à quantidade de tempo em que homens e mulheres trabalham ou o modo de execução do trabalho. O capital é uma máquina que não para de moer trabalhadores e suas singularidades. Ao serem tratados como uma simples mão de obra, todas as suas particularidades tanto do aspecto corpóreo quanto da sua saúde mental, são negligenciadas. Principalmente com um grande exército reserva de trabalhadores (isso se intensifica com grupos historicamente marginalizados: no Brasil, as mulheres e a população negra são os principais alvos dessa política, sendo o perfil de trabalhadores na informalidade⁵⁰.) Em escala mundial, os

⁵⁰Segundo o *Jornal Brasil de fato*: “A variação também é grande no recorte de gênero e raça. O desemprego tem taxa de 7,5% entre os homens e sobe a 11,6% no caso das mulheres. Também fica abaixo da média nacional entre brancos (7,3%) e acima tanto para pretos (11,3%) como para pardos (10,8%), classificação usada pelo instituto. Quase dois terços dos desempregados (64,7%) eram pretos ou pardos. E a população de 25 a 59 anos representava 58,5% dos desempregados – os jovens de 18 a 24 anos, 31%. Para esse último grupo, a taxa de desemprego é mais alta (19,3%).” Mais informais acessar: [https://www.brasildefato.com.br/2022/08/12/desemprego-segue-maior-entre-mulheres-negros-e-jovens-30-procuram-emprego-ha-mais-de-2-anos#:~:text=Quase%20dois%20ter%C3%A7os%20dos%20desempregados%20\(64%2C7%25\)%20eram%20pretos,alta%20\(19%2C3%25\).](https://www.brasildefato.com.br/2022/08/12/desemprego-segue-maior-entre-mulheres-negros-e-jovens-30-procuram-emprego-ha-mais-de-2-anos#:~:text=Quase%20dois%20ter%C3%A7os%20dos%20desempregados%20(64%2C7%25)%20eram%20pretos,alta%20(19%2C3%25).)

trabalhadores da periferia do capital se tornam ainda mais subalternizados⁵¹. A lógica da manutenção do capital é produzir indivíduos doentes para assim substituí-los.

No mundo contemporâneo, em especial em nosso Brasil, nos últimos anos temos ameaças constantes às políticas de saúde pública, seja na tentativa de privatizar o SUS ou até mesmo com a PEC 241, a qual congelou por 20 anos os investimentos públicos em saúde e educação, tendo legitimidade com o ex-presidente Michel Temer. Desse modo, essa questão não é apenas particularidade do Brasil, mas nosso país é apenas um exemplo das políticas de negligência com a saúde e a vida dos trabalhadores⁵².

Esses pontos que foram abordados por Marx e que problematizamos em nossa realidade são importantes para denunciar a degradação da vida humana através da ausência de políticas específicas da saúde e até mesmo dos processos exploratórios do trabalho, nos mostrando que a vida humana não importa para o capital e que a desumanização é a ferramenta constante do processo da produção da vida social. A vida humana não é apenas coisificada pelo processo de alienação da vida cotidiana, mas ela é potencialmente retirada dos seres humanos, seja por via da violência direta ou indireta, como é no caso das explorações que aos poucos tiram a vida de milhares de trabalhadoras e trabalhadores. O capitalismo em si é uma produção de mortes e reprodução da desumanização como regra de seu *status quo*.

Essas questões não fogem da alienação da vida social, pois os homens enquanto seres alienados de si e de sua humanidade é devido ao fundamento social e natural da vida humana: a forma como organizamos o trabalho. Mas trabalhar no modo de produção capitalista ocupa a maior parte do tempo do ser humano, deixando todos os outros fatores como questões marginais da sua vida cotidiana. Em sua maior parte, não existe razão ou condições para alguém ter acesso aos bens de cuidado e bem-estar. Até porque devido a exploração e produção da vida material por si só, impede-se qualquer meio de bem-estar e intensifica-se a degradação. A alienação por si só retira qualquer sentido de cuidado, bem-estar e humanidade aos homens, porque os processos de alienação retiram qualquer possibilidade de dar sentido à vida.

Marx compreendeu bem esse caráter do capital, por isso, escreveu o seguinte:

O capital não tem, por isso, a mínima consideração pela saúde e duração de vida do trabalhador, a menos que seja forçado pela sociedade a ter essa consideração. Às queixas sobre a degradação física e mental, a morte

⁵¹Marx já percebia que existiam diferenças de identidades que intensificaram a subordinação entre os trabalhadores. Ele nos afirma: “O trabalho não pode se emancipar na pele branca onde na pele negra ele é marcado a ferro” (MARX, 2017, p. 372)

⁵²Mais informações: <https://news.un.org/pt/story/2022/10/1803937>

prematura, a tortura do sobretrabalho, ele responde: deveria esse martírio nos martirizar, ele que aumenta nosso [gozo] o lucro? De modo geral, no entanto, isso tampouco depende da boa ou má vontade do capitalista individual. A livre-concorrência impõe ao capitalista individual, como leis eternas inexoráveis, as leis imanentes da produção capitalista. A consolidação de uma jornada de trabalho normal é o resultado de uma luta de 400 anos entre capitalista e trabalhador (MARX, 2017, p. 343).

O que é interessante nessa constatação de Marx, é que ele não compreende esse fato por via da moralidade ou de uma questão ética, de bem ou mal, errado ou correto, mas sim o caráter que fundamenta a problemática: a livre concorrência. Não é uma decisão particular de um capitalista específico sobrecarregar e super explorar seus trabalhadores, mas trata-se da própria lógica em que ele está imerso, que dita isso. A concorrência do comércio capitalista é uma verdadeira corrida em busca de quem mais consegue lucro e a compra do modo de produção e força de trabalho. Uma verdadeira disputa em torno de quem consegue monopolizar a riqueza social produzida às custas da saúde e vida de diversos trabalhadores/as em seus mais variados ramos da produção da vida material e social.

É fundamental compreender que alguns grupos dentro da classe trabalhadora são historicamente e socialmente oprimidos e que dentro desse contexto as explorações se intensificam (pessoas negras, indígenas, mulheres, LGBT's, etc.) dadas as condições historicamente determinadas por território e pelo próprio movimento e acirramento da luta de classes que irá mudar significativamente - seja positivamente ou negativamente - as condições de sobrevivência e direitos políticos, sociais, econômicos ou culturais etc. Que, de modo geral, essas opressões podem ser resumidas ao avanço da luta social e resistência ou combatividade desses grupos contra os retrocessos do capital e das forças reacionárias e conservadoras da sociedade, só assim pode alcançar a libertação ou amenizar o fardo de sua opressão identitária na sociedade. Mas, o que o filósofo alemão consegue perceber e afirmar é que: “E o direito à igual exploração da força de trabalho é o primeiro direito humano do capital ” (MARX, 2017, p. 364). O capital explora a todos, independente de qual seja o povo, credo, cultura, etnia, gênero, sexualidade, raça ou idade. As jornadas de trabalho exploratórias e a desumanização, são a regra que une todos os subalternos do modo de produção capitalista. A luta pelo tempo é a luta de todos os explorados e expropriados do mundo.

4.3 Caminhos para a superação da alienação: uma alternativa para a emancipação humana

Ao longo do texto percebemos alguns fatores filosóficos-ontológicos-históricos e sociais do problema da alienação atrelados na constituição do capitalismo e sua manutenção, tendo em vista seu caráter de produção social nas diversas esferas da vida humana. Isso se dá por ser a alienação da vida humana e da práxis social humana - o trabalho - intrinsecamente constituinte da nossa existência de forma alienada. Desse modo, compreendemos que a alienação é fruto da socialização específica do trabalho e do trabalho assalariado como motor da exploração e manutenção da propriedade privada. A partir dessa estrutura - capitalista - que possibilita a criação de produtos, ferramentas, a natureza e o próprio ser social estranhado de si e hostil que devemos entender os mecanismos para pensar a superação e uma abolição da alienação e dos pontos cruciais que potencializam sua reprodução em massa.

Marx, muito à frente do seu tempo em comparação aos outros filósofos, percebe a seguinte questão:

A condição essencial para a existência e o domínio da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de particulares, a formação e multiplicação do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado baseia-se exclusivamente na concorrência entre os operários (MARX, 2015, p. 77)

O primeiro ponto é o que há de específico na alienação capitalista: o trabalho assalariado como forma de uma produção da vida que tem como base simplesmente a subsistência e a contínua submissão do homem ao capital, a venda da sua força de trabalho, sua forma homem-mercadoria. Marx continua nos dando uma compreensão melhor acerca disso:

Mas será que o trabalho assalariado, o trabalho do proletário, cria essa propriedade para ele? De modo algum. Cria o capital, isto é tipo de propriedade que explora o trabalho assalariado, que só pode aumentar sob a condição de criar mais trabalho assalariado para de novo o explorar. A propriedade, em sua forma atual, move-se no antagonismo entre capital e trabalho assalariado. Consideramos ambos os lados desse antagonismo (MARX, 2015, p. 80).

O trabalho na forma de assalariamento só potencializa as formas de exploração e domínio da burguesia sobre a classe trabalhadora, se constituindo assim, em um completo antagonismo ao desenvolvimento do trabalho em sua plenitude. O capital sobrevive do trabalho assalariado que é a manutenção da mais-valia. Nesse sentido, enquanto existir a reprodução da vida social baseada no trabalho por assalariamento, a alienação será parte constituinte da vida cotidiana e do trabalho alienado. O assalariamento é a manutenção da divisão social e do poder político burguês, porque perpetua a lógica desigual do trabalho e da riqueza socialmente produzida.

Tendo isso em vista, Marx, enquanto um filósofo revolucionário - no sentido mais pleno possível, de transformação radical da atual sociabilidade humana - compreende que a única forma possível de romper com essa lógica do modo de produção social que sobrevive do antagonismo de classe é:

Como os senhores do solo e do capital se servem de seus privilégios políticos para proteger e perpetuar seus monopólios econômicos, assim como para escravizar o trabalho, então a conquista do poder político torna-se uma grande obrigação do proletariado (MARX, 2012, p. 82).

Marx não hesita em sua defesa implacável da necessidade histórica e social da classe trabalhadora na tomada de poder e de novos rumos para uma nova sociabilidade humana. A tomada do poder político é central para o rumo da superação do capital e de seus mecanismos de dominação e de reprodução no interior das relações dessa sociabilidade, para que possam ser superados e abolidos. De acordo com isso, ainda no livro: *Crítica ao Programa de Gotha* (2012) continua reafirmando:

A luta da classe trabalhadora contra a exploração capitalista é necessariamente uma luta política. A classe trabalhadora não pode conduzir suas lutas econômicas nem desenvolver seus direitos políticos sem tomar posse do poder político (MARX, 2012, p. 82).

O primeiro passo para a superação das mazelas sociais provocadas pelo capitalismo - inclusive e principalmente o problema da alienação da vida social - é uma revolução dos trabalhadores e das trabalhadoras na tomada do poder político que a burguesia hoje detém e usa para submeter a classe trabalhadora a seus propósitos. No entanto, o poder político pelo qual a classe trabalhadora luta e deve lutar é, exatamente, pelo fim político da luta de classe e das

próprias classes sociais. O filósofo, escrevendo ao seu partido – e para um projeto de luta global da classe trabalhadora – nos alerta que:

O Partido Social-Democrata da Alemanha luta, portanto, não por novos privilégios e imunidades de classe, mas pela abolição do domínio de classe e das próprias classes e por direitos iguais e iguais deveres, sem distinção de sexo e ascendência. Partindo dessa concepção, ele combate na sociedade atual não apenas a exploração e a opressão do trabalhador assalariado, mas toda forma de exploração e opressão, seja ela voltada contra uma classe, um partido, um sexo ou uma raça (MARX, 2012, p. 94).

Marx é definitivamente o filósofo da revolução e da emancipação humana, para ele não existe uma alternativa social para a libertação total da classe trabalhadora a não ser através da derrubada do poder político e econômico da burguesia enquanto classe. O poder econômico e político deve ser da única e última classe revolucionária: o proletariado⁵³. Somente destituindo o poder se torna possível a humanização da classe trabalhadora e a superação da alienação em sua forma estrutural, que a mantém existindo - ou seja, o fim da propriedade privada, do trabalho assalariado e do antagonismo de classes por via da divisão social do trabalho - somente com uma ruptura total desses fatores podemos pensar uma vida social que não produza alienação.

Ao tratar do primeiro ponto de partida, temos que é justamente a tomada do poder político pela classe trabalhadora, interligado com os princípios de sociabilidade do socialismo científico⁵⁴, que nos colocará em direção a uma sociedade plenamente comunista. Mas é preciso lembrar que, por si só, de maneira automática, o problema da alienação não será resolvido. Os problemas anteriores, ligados à manutenção da alienação, são o primeiro passo que necessita ser abolido. Porém, após isso, se torna necessário avançar. O filósofo húngaro István Mészáros nos aponta a centralidade da questão:

O que confere sentido ao empreendimento humano no socialismo não é a promessa fictícia de um absoluto fictício (um mundo no qual foi eliminada para sempre toda a contradição possível), mas a possibilidade real de transformar uma tendência de alienação que cresce ameaçadoramente em uma tendência que descreve de forma tranquilizadora. Isso, por si só, já seria um

⁵³“De todas as classes que hoje em dia confrontam com a burguesia, só o proletariado é uma classe genuinamente revolucionária. As demais classes vão-se arruinando e soçobram com a indústria com a indústria moderna o proletariado é seu produto mais autêntico e essencial.” (MARX, 2015, p. 75) Marx aqui está tratando da contradição maior e antagonismo de classes. Hoje, no desenvolvimento do capitalismo monopolista, a classe trabalhadora como um todo é a classe genuinamente revolucionária.

⁵⁴“O socialismo não é um mero partido, mas uma ciência.” (MARX, 2012, p. 94)

conquista qualitativa no caminho para uma suplantação prática e efetiva da alienação e reificação. Contudo, são possíveis outras conquistas qualitativas que podem ser precisamente identificadas não só em termos da reversão da própria tendência geral, mas também no tocante ao caráter - autorrealizador - substancialmente diferente de formas específicas da atividade humana, que foram libertadas de sua sujeição aos meios alienados a serviço do propósito da perpetuação das relações sociais reificadas. A substituição das “ mediações de segunda ordem” capitalisticamente alienadas e reificadas existentes por instrumentos e meios conscientemente controlados de intercâmbio humano constitui o programa sócio-historicamente concreto dessa transcendência. (MÉSZÁROS, 2016, p.230)

Mészáros entende perfeitamente que o grande passo é a queda do sistema capitalista e a construção de uma sociedade socialista. Isso porque somente o socialismo é capaz de avançar em uma produção social de vida que não produza alienação em massa. O socialismo possui a capacidade de destruir significativamente em primeira ordem a forma estrutural atômica capitalista (que é a alienação - como também, as mediações de segunda ordem, as formas reificantes das relações humanas) como por exemplo a forma homem/mercadoria ou até mesmo o próprio caráter intrínseco da forma mercadoria ou da forma dinheiro-mercadoria etc. – todos os componentes alienantes de segunda ordem que estão no interior da sociabilidade burguesa e que perpassam as diversas relações humanas.

E quando falamos em socialismo ou comunismo, nos referimos à formulação teórica e prática que alguns apontamentos de Engels nos mostram em: *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (2011) e de Marx em alguns trechos na *Crítica ao Programa de Gotha* (2012) assim como em outros trechos clássicos – no *Manifesto do Partido Comunista*, n’ *O Capital* etc. – que surgem ao decorrer da literatura marxiana. Desse modo, além de uma revolução por tomada de poder no campo econômico e político, o filósofo nos abre a possibilidade de pensar uma sociedade diferente da opressão e exploração capitalista e nos direciona a pensar uma nova organização social - socialista no primeiro momento, até avançar ao comunismo - que tem como objetivo central :

Por fim, imaginemos uma associação de homens livres, que trabalhem com meios de produção coletivos e que conscientemente despendam suas forças de trabalho individuais como uma força social de trabalho. Todas as determinações do trabalho de Robinson reaperecem aqui, mas agora como determinações sociais, e não individuais. Todos os produtos de Robinson eram seus produtos pessoais exclusivos e, por isso, imediatamente objetos de uso para ele. O produto total de toda a associação é um produto social, e parte desse produto serve, por sua vez, como meio de produção. Ela permanece social, mas outra parte é consumida como meios de subsistência pelos

membros da associação, o que faz com que tenha de ser distribuída entre eles. O modo dessa distribuição será diferente de acordo com o tipo peculiar do próprio organismo social de produção e o correspondente grau histórico de desenvolvimento dos produtores. Apenas para traçar um paralelo com a produção de mercadoria, suponhamos que a cota de cada produtor nos meios de subsistência seja determinada por seu tempo de trabalho, que, assim, desempenharia um duplo papel. Sua distribuição socialmente planejada regula a correta proporção das diversas funções do trabalho de acordo com as diferentes necessidades. Por outro lado, o tempo de trabalho serve simultaneamente de medida de cota individual dos produtores no trabalho comum e, desse modo, também, na parte de ser individualmente consumida do produto coletivo. As relações sociais dos homens com seus trabalhos e seus produtos de trabalhos permanecem aqui transparentemente simples, tanto na produção quanto na distribuição. (MARX, 2017, p. 153)

O filósofo, ao apontar os problemas da sociedade capitalista e a necessidade de sua superação, direciona à construção de uma nova forma de organização da vida social, que possui como base a autogestão dos trabalhadores na produção, na qual a força de trabalho sai do campo meramente individual que está fundada na concorrência entre trabalhadores devido à privatização dos modos e meios de produção estarem nas mãos (dos capitalistas) que é uma pequena parcela da população. Ainda, que essa autogestão dos trabalhadores está ligada às suas necessidades reais, sendo que o trabalho deixa de ser privado e se transforma em social, e a produção das condições materiais e existenciais são coletivamente socializadas. Onde os produtores da vida social (os trabalhadores) possuem o controle de seu trabalho e das outras áreas que compõem a vida social, sem nenhum meio de subjugação de seu ser.

Nesse sentido, Marx se refere a um modo de trabalho mais revolucionário, emancipatório e qualitativamente melhor na história da humanidade: o trabalho associado. O trabalho associado se mostra como a fase em que ocorre o processo jamais visto: o trabalho enquanto serviço da humanização do homem. Para o professor Sérgio Lessa:

O trabalho associado fundará uma forma de sociedade, um novo modo de produção, uma nova vida cotidiana, uma nova organização da humanidade no planeta, uma nova relação com a natureza, em resumo, uma nova formação social. Esse é o comunismo” (LESSA, 2012, p.98).

O professor Lessa consegue fazer uma leitura precisa do objetivo do trabalho associado e do socialismo científico teorizado por Marx e Engels, o qual é uma nova forma de organização do trabalho, da vida social e cotidiana. Uma ruptura total com os pilares capitalistas. Uma nova

forma de produção da vida social. Marx conseguiu determinar pontos centrais de uma nova fase societal e do trabalho. Pois é:

Numa fase superior da sociedade comunista, quando estiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e manual; quando o trabalho tiver deixado de ser mero meio de vida e tiver se tornado a primeira necessidade vital, quando, justamente com o desenvolvimento multifacetado dos indivíduos suas forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes de riqueza coletiva jorrarem em abundância, apenas então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser plenamente superado e a sociedade poderá escrever em sua bandeira: “De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades!” (MARX, 2012, p. 32)

O trabalho associado é visto como processo constituinte de uma sociedade comunista, onde todas as formas de subordinação do trabalho e da vida humana são suprimidas por um novo modelo de vida, sem que possa haver divisão do trabalho ou hierarquia do trabalho. Em que o desenvolvimento das forças produtivas e da riqueza econômica sejam para a qualidade de vida e a serviço pleno dos homens e mulheres associados/as. Tendo em vista a igualdade e liberdade plena, não mais como uma mero - falso - direito burguês, que falsifica a realidade e cria uma pseudo igualdade entre classes, povos e raças. Mas uma liberdade e igualdade baseadas nas reais condições de cada ser humano, compreendendo suas capacidades e necessidades.

Somente assim, avançaremos significativamente na abolição dos processos alienantes que cercaram o homem durante grande parte da história da humanidade. Que em toda a existência das sociedades de classes destituíram todo o processo humanitário do homem e lhe criaram estranhamento consigo mesmo, com a natureza, com outros seres humanos e com seu processo vital: o trabalho. O trabalho associado é o processo social que possibilita aos seres humanos uma nova construção do que sejam homens e mulheres, longe de exploração, submissão e opressão. A possibilidade de uma vida que merece ser vivida, que dê sentido ao ato de viver e progressivamente a potencialize. Uma vida em que os processos alienantes não necessitem mais existir, e que viver plenamente seja a tarefa genuinamente humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alienação é um problema conceitual-filosófico e acima de tudo, social. Possui sua raiz na contradição da forma privada social do trabalho na sociedade de classes e da socialização do produto desse trabalho. O estranhamento do processo ontológico e social permeia a expansão da vida além do processo produtivo. Os fundamentos da alienação se potencializam na sociedade capitalista e se torna uma das formas de manutenção dessa sociedade que possui, como base, uma acumulação desenfreada de riqueza para um grupo da população, enquanto aos outros grupos, a subalternidade e exploração são o que lhes restam.

Em frente a isso, em uma sociedade baseada no assalariamento como regra de sobrevivência e recompensa desigual da riqueza socialmente produtiva, a alienação é parte constitutiva dessa engrenagem, porque destitui toda a humanidade e os transformam em trabalhadores que são eternos reféns da venda de sua força de trabalho, meras mercadorias. Ou seja, enquanto o caráter privado dos meios e modos de produção da vida material existir, o homem será despossuído de exercer a plenitude dos meios que o tornam homem e o conectam como seu ser genérico.

A alienação é justamente o processo social que desrealiza ao ser genérico e destitui o ser de si. A objetivação da produção da vida material quando transformada em mercadoria - devido à fragmentação da divisão sociotécnica do trabalho - se apresenta como estranha ao seu criador e independente das relações humanas. A mercadoria se mostra independente e se concretiza como uma relação metafísica e abstrata do homem enquanto produtor. Isso porque ocorre uma supervalorização do mundo das coisas - tendo em vista todas as propriedades humanas que estão materializadas naquele objeto - enquanto ocorre uma desvalorização dos homens no mundo, e os trabalhadores se desgastam ao dar “vida” às suas produções-mercadorias.

Em suma, quanto mais esforços são direcionados para a produção da mercadoria, mais desgastes e brutalização enfrenta o/a trabalhador/a. O desenvolvimento complexo da relação do homem com sua produção vai avançar para diversas formas que escamoteiam o que há de único de humano: produzir conscientemente a vida e riqueza material da sociedade. Uma completa reificação humana, das relações sociais e intersubjetivas que Marx nos mostrou na primeira seção d' *O capital*. Desse modo, compreende-se que, apesar da alienação, em um primeiro momento, se constituir no trabalho e na sua relação com a produção, a nossa existência em si

se torna alienada, porque os diversos meios da (re)produção da vida humana intensificam essa desrealização do ser genérico, entre eles: a educação, arte, moral, o Estado, os valores etc.

O modo de (re)produção da sociabilidade burguesa retira qualquer sentido genuinamente humano que dê significado e plenitude aos seres, que contemplem as suas necessidades humanas. A mercantilização das esferas que produzem o ser social - o trabalho, as forças produtivas e os modos de produção - geram e reforçam progressivamente uma degradante alienação da vida e do espírito humano. Somente como uma nova forma de organização social que supere por completo o antagonismo de classes, a contradição trabalho e o capital, construindo assim uma associação livre de trabalhadores, sem classes e sem exploração-opressão ou submissão, teremos a possibilidade de avançarmos contra a alienação da vida existencial e social.

6 REFERÊNCIAS

ALTUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. trad: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros De Castro. 9 ed. Rio de Janeiro, Graal, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez. 2015

_____. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

_____. **O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviço na era digital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

ARISTÓTELES. **Política**. Trad: Raposo Roberto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ATAIDE, Glaube. **Ludwig Feuerbach, filósofo da libertação**. JORNAL A VERDADE. 5 de setembro de 2019. Disponível <https://averdade.org.br/2019/09/ludwig-feuerbach-filosofo-da-libertacao/>. Acesso em: 27 de Agosto de 2023.

CARTA CAPITAL. Enquanto no mundo avança a semana de 4 dias de trabalho, redução de jornada empaca no Brasil. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/enquanto-no-mundo-avanca-a-semana-de-4-dias-de-trabalho-reducao-de-jornada-empaca-no-brasil/>. 22 de Julho de 2022. Acesso em 24 de Outubro de 2023

CAPELA, Felipe. <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/pesquisa-inglesa-mostra-que-reducao-da-jornada-de-trabalho-nao-afeta-productividade/>. JORNAL DA USP. 24 de Maio de 2023. Acesso em 24 de Outubro de 2023.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**, Trad: Silvana Finzi Foá, São Paulo, Xamã, 1996.

ENGELS, Friederich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Recife, PE: Edições Manoel Lisboa, 2011.

_____. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). *Revista Trabalho Necessário* 4.4 (2006).

_____ ; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Trad: Álvaro Pina - São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FEUEBACH, Ludwing. **A essência do cristianismo**. Trad: José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**: Trad: Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69ªed, Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HEGEL, Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Trad: Paulo Meneses, Karl-Heinz, Jose Nogueira. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: **O que é esclarecimento?**: E outros textos. trad: Estevão C. Rezende Martins. São Paulo: Penguin - Companhia das Letras, 2022.

LESSA, Sérgio; Ivo Tonet. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

_____. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. Trad: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. (Coleção Marx-Engels)

_____. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad: Edmilson Costa. 3 ed. São Paulo, EDIPRO, 2015. (Série Clássicos Edipro)

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. trad: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. **Miséria da Filosofia**. Trad: José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política**. Livro 1: O processo de produção do capital. Trad: Rubens Enderle. 2 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O Capital-Livro 3: Crítica da economia política. Livro III: O processo global de produção capitalista.** Trad: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **Salário, Preço e Lucro.** (Coleção Os Pensadores). São Paulo, Abril, 1978.

MELLO, C. de M, Gustavo; NAKATANI, Paulo (Orgs). Introdução à crítica da financeirização: Marx e o moderno sistema de crédito. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro.** 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2019 (Palavras Negras)

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx.** Trad: Nélio Schneider. São Paulo. Boitempo Editorial, 2016.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e reificação:** Livraria Editora Ciências Humanas. São Paulo, 1981.

_____. **Karl Marx: uma biografia.** Boitempo Editorial, 2020.

NUZZI, Vitor. **Desemprego segue maior entre mulheres, negros e jovens; 30% procuram emprego há mais de 2 anos. 12 de Agosto de 2022.** Acesso em 24 de Outubro de 2023. Disponível em: [https://www.brasildefato.com.br/2022/08/12/desemprego-segue-maior-entre-mulheres-negros-e-jovens-30-procuram-emprego-ha-mais-de-2-anos#:~:text=Quase%20dois%20ter%C3%A7os%20dos%20desempregados%20\(64%2C7%25\)%20eram%20pretos,alta%20\(19%2C3%25\)](https://www.brasildefato.com.br/2022/08/12/desemprego-segue-maior-entre-mulheres-negros-e-jovens-30-procuram-emprego-ha-mais-de-2-anos#:~:text=Quase%20dois%20ter%C3%A7os%20dos%20desempregados%20(64%2C7%25)%20eram%20pretos,alta%20(19%2C3%25))

ONU News. **ONU revela retrocessos na saúde de mulheres, crianças e adolescentes.** Acesso em: 24 de Outubro de 2023. disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/10/1803937>

RANIERI, Jesus. Alienação e estranhamento: a atualidade de Marx na crítica contemporânea do capital. In: **3ª Conferencia Internacional La Obra de Carlos Marx y los desafios del Siglo XXI.** Havana 2006.

SANTOS, Vinicius. Trabalho Abstrato, subjetividade e alienação em Marx: notas para uma “fenomenologia da vida alienada” a partir de O capital. *Verinotio - Revista online de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v.24,n.2, pp.18-45, nov 2018.

SARTRE, Jean- Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Trad: Lés Éditions Nagel e Editora Presença Ltda. São Paulo: Abril Cultural, 1973.